

Working Paper CEsA CSG 183/2021

# DANS LE DERNIER SURSAUT DE L'ESTADO DA INDIA (1951-1961) - TÉMOIGNAGES INÉDITS DE DEUX FEMMES PORTUGAISES

Nicole KHOURI & Joana PEREIRA LEITE

## RESUMÉ

*Dans le dernier sursaut de l'Estado da India (1951-1961)  
Témoignages inédits de deux femmes portugaises*

*Durant la dernière décennie de l'Estado da India, les témoignages de deux femmes portugaises qui font le voyage à Goa ont retenu notre attention. Première génération de l'Estado Novo, les auteures, nées en 1926, font partie d'une élite éduquée, partagent une conscience politique aigüe du régime et sont engagées dans la métropole dans des mouvements d'opposition. Elles quittent le Portugal pour Goa, territoire de leur exil politique, société qui leur est totalement étrangère et moment important d'une expérience personnelle. La dernière décennie de la domination portugaise signe le dernier sursaut de l'Estado da India qui s'achemine vers le retour de ses territoires à l'Union Indienne en 1961. Les récits que nous livrent ces deux femmes articulent une Histoire de l'Empire portugais apprise sur les bancs de l'école, leur expérience du régime salazariste et la confrontation de leur vécu à Goa. Elles y avancent sur une corde raide, dans une double marge créée par la distance vis à vis de l'administration de la colonie et par la difficile pénétrabilité de la société goanaise. Dans cette posture d'interface et à partir d'un quotidien de grande précarité existentielle, elles apprennent à connaître cette société et s'engagent dans les défis culturels et politiques qui la traversent. De retour au Portugal et bien plus tard, l'une des auteures écrit ses mémoires et l'autre souhaite que les lettres, envoyées presque quotidiennement à sa famille, soient connues. Mémoires et lettres constituent un témoignage en contrepoint d'une part à celui des Portugais de l'Empire dont les statuts étaient définis dans et par une société coloniale et d'autre part à celui des diasporas ayant appartenues à l'Empire (portugaises, goanaises, indiennes) et où il était également intéressant de lire le centre à partir de sa périphérie. Leurs témoignages et leurs réflexions ont des accents très actuels sur la manière d'écrire, de penser et de vivre sur les frontières tant existentielles, que matérielles et symboliques qui séparent et unissent les peuples.*

**MOTS CLEFS** Empire portugais - Goa, Damão - société coloniale - témoignages de femmes - engagement politique – vie professionnelle

## RESUMO

### *Durante o último sobressalto do Estado da Índia (1951-1961) Testemunhos inéditos de duas mulheres portuguesas*

*Durante a última década do Estado da Índia, os testemunhos de duas mulheres portuguesas que viajam a Goa, atraíram a nossa atenção. Primeira geração do Estado Novo, as autoras, nascidas em 1926, fazem parte de uma elite educada e partilham de uma aguda consciência política que as levou, na metrópole, a engajarem-se nos movimentos de oposição ao regime. Ambas deixam Portugal em direção a Goa, uma terra de exílio político, uma sociedade que lhes é totalmente estranha, um momento importante de experiência pessoal. A última década da dominação portuguesa convive com o último sobressalto do Estado da Índia que conduziria ao regresso dos seus territórios à União Indiana, em 1961. As narrativas que nos deixam estas duas mulheres articulam uma História do Império português aprendida nos bancos da escola, a sua experiência do regime salazarista e a confrontação com a sua vivência em Goa. Aí vivem no fio da navalha, numa dupla margem criada quer pela distância face à administração colonial e quer pela difícil penetrabilidade da sociedade goesa. Nesta postura de interface e a partir de um quotidiano de grande precaridade existencial, elas aprendem a conhecer a sociedade e engajam-se nos desafios culturais e políticos que a atravessam. De regresso a Portugal, e bem mais tarde, uma das autoras escreve as suas memórias e a outra aspira a que as suas cartas, enviadas quase quotidianamente à sua família, sejam conhecidas. Memórias e cartas constituem testemunho em contraponto, por um lado ao dos portugueses do Império, cujos estatutos eram definidos no interior e pela sociedade colonial e, por outro, ao das diásporas que tinham pertencido ao Império (portuguesas, goesas e indianas), donde é igualmente interessante ler o centro a partir da sua periferia. Os seus testemunhos e as suas reflexões revelam-se da maior valia e atualidade no que respeita a maneira de escrever, de pensar e de viver nas fronteiras tanto existenciais, como materiais e simbólicas que separam e unem os povos.*

**MOTS CLEFS** Império português - Goa, Damão – sociedade colonial – testemunhos de mulheres - engajamento político – vida profissional

## ABSTRACT

### *During the last burst of Estado da Índia (1951-1961) Original testimonies of two Portuguese women*

*During the last decade of Estado da Índia, the testimonies of two Portuguese women who embark on a trip to Goa have caught our attention. Born in 1926 and part of the first generation of Estado Novo, the authors belong to an educated elite and share an acute political awareness of the regime, choosing even to engage in the metropolis opposition movements. They left Portugal for Goa, the territory of their political exile, a society totally alien to them and an important moment of personal experience. The last decade of the Portuguese domination sign the last burst of Estado da Índia which is moving towards the return of its territories to the Indian Union in 1961. The stories left by these two women articulate a history of the Portuguese empire, learned on school benches, portraying an experience of the Salazarist regime and the confrontation of the authors' experience in Goa. There they make their way on a tightrope, created both by the distance to the colonial administration and by the difficult penetrability of Goan society. In this interface and stemming from an everyday of existential precariousness, they get to know this society and engage in the cultural and political challenges that cross it. Back in Portugal and later on, one of the authors write her memories and the other wish for the exposure of the letters, that she daily written to her family . The memoirs and letters constitute a counterpoint testimony, on the one hand to that of the Portuguese of the Empire (whose statuses and belonging were defined in a colonial society) and, on the other, to that of the diasporas belonging to the Empire (Portuguese, Goans , Indians) by where it is also interesting to read the center from its periphery. Their testimonies and their reflections have very current accents on the way of writing, of thinking and living on existential, material, and symbolic borders that both separate and unite people.*

**KEYWORDS** Portuguese Empire - Goa, Damão – colonial society – women testimonies - political engagement – professional life

## WORKING PAPER/DOCUMENTO DE TRABALHO

*O CESA não confirma nem infirma  
quaisquer opiniões expressas pelos autores  
nos documentos que edita.*

O CESA - Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento é um centro de investigação que se tem dedicado ao estudo do desenvolvimento económico, social e cultural dos países em desenvolvimento da África, Ásia e América Latina, com especial ênfase no estudo dos países de língua oficial portuguesa, China e Ásia-Pacífico. Além disso, promove a investigação noutros tópicos, teóricos e aplicados, dos estudos de desenvolvimento noutras regiões, tentando promover uma abordagem multidisciplinar e uma interligação permanente entre os aspetos teóricos e aplicados da investigação.

O CESA está atualmente integrado no CSG - Investigação em Ciências Sociais e Gestão, um consórcio de I&D criado em 2013 no ISEG por quatro dos seus centros de investigação - ADVANCE, CESA, GHES e SOCIUS. Classificado como “Excelente” no âmbito do último processo de Avaliação de Unidades de I&D promovido pela FCT, o CSG conta com mais de 200 investigadores, incluindo professores do ISEG, docentes de outras escolas, investigadores independentes, bolseiros de pós-doutoramento e estudantes de doutoramento. As atividades do CSG fornecem um enquadramento de alto nível para a investigação e o ensino, tanto a nível nacional como internacional.

O CESA participa ativamente nas atividades de ensino do ISEG, nomeadamente, no Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional e no Doutoramento em Estudos de Desenvolvimento/*Development Studies*, fundamentalmente a dois níveis: através do apoio que dá a esses cursos e da lecionação, pelos seus membros, de várias unidades curriculares, bem como da supervisão de teses e dissertações finais dos alunos. Organiza, igualmente, seminários e conferências ao longo de cada ano letivo, separadamente ou em colaboração com o Mestrado e o Doutoramento.

A internacionalização é também um objetivo importante e que tem sido perseguido através da participação em redes internacionais e programas conjuntos de investigação, bem como na criação de incentivos para ajudar os seus investigadores a aumentar o número de publicações em revistas internacionais de reconhecido mérito.

## AS AUTORAS/LES AUTEURS

### **Nicole KHOURI**

Investigadora associada ao Institut des Mondes Africains (IMAF)/CNRS, Paris. Membro da Association Française des Anthropologues (AFA); Investigadora associada ao Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento (CESA/ISEG/Universidade de Lisboa)  
E-mail: [khourinicol@gmail.com](mailto:khourinicol@gmail.com); [khouri.n@wanadoo.fr](mailto:khouri.n@wanadoo.fr);

### **Joana PEREIRA LEITE**

Investigadora do CESA/ISEG/Universidade de Lisboa. Professora, aposentada, do Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa (ISEG/ULisboa)  
E-mail: [joanapleite@netcabo.pt](mailto:joanapleite@netcabo.pt); [jleite@iseg.ulisboa.pt](mailto:jleite@iseg.ulisboa.pt)

## CONTENU

<b>INTRODUCTION</b> .....	<b>6</b>
<b>QUI SONT-ELLES ET POURQUOI QUITTENT-ELLES LE PORTUGAL?</b> .....	<b>8</b>
<b>GISELA JANEIRO</b> .....	<b>10</b>
A LA RENCONTRE DES POPULATIONS DE L'ESTADO DA INDIA .....	10
DANS LE SURSAUT DE L'EMPIRE, LA MÉTROPOLE ET SA COLONIE .....	15
A DAMAO, DANS LA TOURMENTE DES ANNÉES 1954 ET 1955 .....	17
<b>EDILA GAITONDE</b> .....	<b>22</b>
PLONGÉE DANS UNE FAMILLE BRAHMANE TRADITIONNELLE ET PREMIÈRES RÉALISATIONS PERSONNELLES.....	22
À MAPUÇA, VIE COMMUNE ET PROJETS SÉPARÉS: UN ENGAGEMENT POLITIQUE DE PLUS EN PLUS PRÉGNANT.....	25
FÉVRIER 1954: LE DÎNER FATAL ET HISTORIQUE CHEZ LES SEMEDO .....	29
<b>GISELA ET EDILA: DES HISTOIRES QUI RENCONTRENT LA GRANDE HISTOIRE</b> .....	<b>32</b>
GISELA: ENSEIGNANTE ET HISTORIENNE .....	33
LA TRANSCENDANCE D'UNE HISTOIRE PERSONNELLE: TOUS LES AILLEURS QUI NOUS CONSTITUENT .....	33
EDILA.....	34
ENTHOUSIASME PROFESSIONNEL ET LIMITES D'UNE CAUSE À DÉFENDRE .....	34
<b>LIMITES DES ACTEURS D'UNE LIBÉRATION ET RETOUR SUR SOI</b> .....	<b>37</b>
OUVRAGES PRÉSENTÉS .....	38
BIBLIOGRAPHIE CITÉE ET BIBLIOGRAPHIE GÉNÉRALE CONSULTÉE.....	39

## INTRODUCTION

Aborder la dernière phase de *l'Estado da India* à partir de deux récits de femmes portugaises ayant séjourné à Goa entre 1951 et 1961 nous offre une lecture inédite de cette période.

Publiés au cours de ces dernières années, deux ouvrages incontournables, fruits de la recherche de deux historiens dont nul ne peut ignorer l'apport, nous avaient déjà ouvertes sur une connaissance très détaillée de cette partie de l'Empire portugais. Ces ouvrages mobilisent des sources tant portugaises que goanaises et indiennes pour Sandrine Bègue dans *La fin de Goa et de l'Estado da India: décolonisation et guerre froide dans le sous continent indien (1945-1962)*, auxquelles s'ajoute le fonds Salazar auquel a eu accès Valentim Alexandre dans *Contra o vento, o império e a maré anticolonial, 1945-1960*. Tous deux racontent la grande Histoire et la confrontent avec une histoire officieuse, souvent faite de rapports confidentiels commandités par Salazar qui les annotait et les commentait. Rapports de l'administration et de l'armée qui évaluent la situation du terrain, rapports de journalistes (Barradas, 1952 ; O.Ribeiro, 1956) qui accompagnent les tournées des officiels, relatant leur point de vue sur la société goanaise dans son ensemble, sa spécificité, les limites d'une colonisation de 450 ans et du peu de chances de la maintenir<sup>1</sup>. Ces lectures ainsi que nos propres recherches aux archives du Ministère des Affaires Etrangères (MNE), *Ministério dos Negocios Estrangeiros*, de Lisbonne nous ont conduites à rechercher les témoignages de citoyens portugais ayant vécu sur place les événements de cette dernière décennie. Ce choix qui privilégie le vécu de citoyens *lambda* qui ont quitté le centre pour une des périphéries de l'Empire, qui ont été nourris par son histoire, qui ont maintenu des liens réels et ont élaboré une réflexion simultanée sur les deux espaces, maintient hors du champ de cette étude les témoignages des goanais qui ont pourtant écrit sur cette même période. Nous avons également écarté un autre ensemble de témoignages, ceux

---

<sup>1</sup> Oliveira de Barradas, *Roteiro de Oriente. A viagem do Ministro do Ultramar, Comandante Sargento Rodrigues às provincias portuguesas da India, Timor e Macau no ano 1952*. Agência geral do Ultramar, Lisboa, 1954 ; Orlando Ribeiro *Goa em 1956, relatório ao Governo*, Lisboa, CNCDP, 1999. Agents du régime ou journalistes lucides ? L'un n'empêche pas l'autre.

d'officiers–ingénieurs de l'armée, engagés dans cette ultime période du grand sursaut des réformes tant logistiques que culturelles et sociales. Ces derniers ont accompagné le Gouverneur Général Vassalo e Silva jusqu'à sa reddition en décembre 1961 et même au-delà<sup>2</sup>. Dans une autre veine, a été publié en 2016, un ouvrage rédigé par une jeune recrue de l'armée, graphiste de profession et accomplissant son service militaire à Goa entre 1957 et 1959. Il nous y raconte ses passe droits, ses privilèges auprès des officiers de carrière, le monde des goanais auquel il a eu accès (avocats, médecins, riches commerçants), les opérations routinières de reconnaissance des postes frontières et des forts éloignés ridiculement défendus par une poignée de soldats ... bref, la description d'un quotidien plongé dans “une transe érotique” qui a fait de Goa son “jardin des délices” et qui justifie pleinement l'idée d'un “lusotropicalisme” qui semble regagner les esprits dans le Portugal des années 2010.<sup>3</sup>

Depuis une dizaine d'années, de nombreuses publications de récits de mémoires de citoyens ayant vécu durant la période de l'Estado Novo (1928-1974) ou durant une partie de cette période dans les territoires de l'Empire portugais, remplissent les librairies. Mémoires personnels et travaux académiques font partie du retour sur une tranche d'histoire restée difficilement abordée après la Revolution des Oeillets de 1974.<sup>4</sup>

C'est dans la foulée de ces publications que nous avons retenu les deux récits que nous nous proposons d'exposer et d'analyser dans cet article. Le premier *Cartas de Damão*, authentiques lettres envoyées, entre 1951 et 1958, par Maria Gisela Janeiro à sa famille au Portugal et publiées par sa fille Maria de Lurdes Janeiro qui complète l'histoire du vécu de ses parents à Goa jusqu'en 1961, alors que l'échange épistolaire s'était arrêté en 1958.<sup>5</sup> Les circonstances de cette découverte et la publication des lettres méritent d'être relatées, d'autant plus que ce procédé épistolaire est quasi unique dans le monde des témoignages portugais. Ces lettres ont été retrouvées par la petite fille de

---

<sup>2</sup> Carlos Alexandre de Moraes *A queda da Índia Portuguesa: Cronica da invasao e do cativo*, Lisboa, ed. Estampa, 1999.

<sup>3</sup> Artur Henriques *Goa, ida e volta, Mémoires*, Lisboa, 2016.

<sup>4</sup> Miguel Cardina e Bruno Sena Martins (orgs.) *As voltas do passado*, ed. Tinta da China, 2018.

<sup>5</sup> Maria de Lurdes Janeiro, *Cartas de Damão*, Uma visao do quotidiano na antiga Índia Portuguesa nos anos finais de 1951-1961; *Cartas de Maria Gisela Janeiro*, organização, comentarios e notas por Maria de Lurdes Janeiro, Lisboa, Fundação Rui Cunha, 2017.

Maria Gisela, Ana Janeiro alors qu'elle organisait son ouvrage *Album. India Portuguesa 1951-1961*. Elle les a fait connaître à sa mère qui ignorait tout de cette correspondance. De son vivant, et à son retour du Mozambique au milieu des années 1970, Maria Gisela avait pris le soin de recopier et de classer, sur un carnet, ses lettres envoyées durant ses années goanaises. L'ouvrage publié de façon posthume s'ouvre sur l'intention d'adresser à ses enfants et petits enfants un album constitué des lettres et des photos de ces dix années, afin qu'ils prennent connaissance de ce temps tout à fait particulier.

Le second ouvrage, *As maças azuis*, est une traduction en portugais de l'ouvrage de Edila Gaitonde paru en anglais en 1987, *In search of Tomorrow*, mémoires d'une portion de sa vie engagée auprès de son mari, le docteur Gaitonde, *freedom fighter* pour la libération de Goa.<sup>6</sup> Comme nous le verrons, ce texte va bien au-delà d'une simple lecture idéologique.

Nous sommes en présence de deux femmes, appartenant à la même génération, nées toutes deux en 1926, qui accompagnent leurs maris respectifs dans "l'aventure Goa" et dont les engagements militants les rapprochent et les désunissent. Véritables regards ethnographiques et anthropologiques, leurs témoignages croisent un vécu de l'intérieur (nouvel espace domestique dont elles scrutent toutes les différences par rapport à celui dans lequel elles ont grandi), un quotidien tissé par les interrelations entre les groupes et les cercles plus ou moins étanches qui constituent la société de Goa et une réflexion continue sur les événements politiques et culturels entre Goa et le Portugal. Le plus surprenant et qui force l'attention, réside dans la manière dont elles ont organisé leur vie et leurs projets professionnels dans les interstices de milieux peu amènes à accepter les différences culturelles et de genre, et dans un temps surdéterminé par les discours idéologiques contrastés.

## QUI SONT-ELLES ET POURQUOI QUITTENT-ELLES LE PORTUGAL?

*Maria Gisela Janeiro (Gisela)*: jeune étudiante de lettres, Gisela participe à la commission locale de Amadora qui appuie le candidat Norton de Matos pour les présidentielles de 1949. Le MUD

---

<sup>6</sup> Edila Gaitonde, *As maças azuis, Portugal e Goa*, Lisboa, ed.Tagide, 2011.

(*Movimento de Unidade Democrática*), dans lequel elle est engagée, propose son candidat contre Oscar Carmona, candidat de Salazar. Parallèlement à ses études, Gisela travaille au Conseil Technique de la Coopération (*Conselho Técnico da Cooperação*) et son appui pour le candidat de l'opposition l'empêche d'y avoir une quelconque promotion. Son mari, Chico (Francisco Morais Janeiro), qui a fait des études de philosophie, travaille dans ce même service et milite au sein du PCP (*Partido Comunista Português*). La PIDE (*Policia internacional da defesa do Estado*) infiltrée dans le Conseil Technique de la Coopération, resserre son étau et il est vivement recommandé à Chico de s'engager dans l'armée et de quitter le Portugal. L'Inde (Goa) se présente à tous deux comme le lieu où il ferait bon de prendre de la distance et de voir ce qui se passe dans un autre territoire de l'empire portugais.

En avril 1951, ils embarquent avec leur fille âgée de 7 mois sur le *India* qui transportait les troupes. Ils débarqueront en Inde portugaise, à Mormugão et de là iront vers Pangim.

*Edila Gaitonde (Edila)*: Durant l'été 1943, à l'âge de 17 ans, Edila s'établit à Lisbonne avec sa famille originaire des Açores. Pianiste douée, elle poursuit des études au Conservatoire de Musique. Elle rencontre Lica (Docteur Pundlik Gaitonde) chez l'une de ses amies. Le coup de foudre est réciproque. Lica, hindou goanais issu d'une famille de brahmanes, est arrivé au Portugal en 1937 pour compléter des études de médecine en vue d'une spécialisation en chirurgie. Il fait partie de la première génération des *freedom fighters* pour la libération de Goa. Alléguant des raisons liées à la caste et à la destruction du nom de la lignée vénérable des ancêtres, la famille de Lica s'est d'abord fortement opposée à ce mariage. Quant à la famille catholique de Edila qui craignait une conversion de leur fille à la religion hindoue, elle a vite compris qu'une telle éventualité est pur fantasme car on naît hindou et on ne le devient pas. Un mariage civil eut finalement lieu et leur lune de miel fut célébrée à Peniche, vieux fort transformé en prison où étaient relégués des prisonniers politiques : républicains, démocrates, communistes, socialistes, ainsi que le premier groupe de goanais qui avaient manifesté au lendemain de l'indépendance de l'Inde soit pour l'autonomie soit pour la libération de Goa. Parmi les avocats, les professeurs, les politiques et les médecins prisonniers, certains étaient des collègues et des amis personnels de Lica. Au Portugal, c'est bien le premier mariage des temps modernes conclu entre une femme portugaise et un hindou. Dans la logique de ce

jeune médecin qui veut être au service de son peuple, le couple s'embarque pour l'Inde en novembre 1948, accoste à Bombay où Edila sera reçue dans sa belle famille avant de poursuivre l'aventure familiale vers Goa.

Il s'agit de deux femmes issues de milieux plutôt aisés, deux femmes avec un niveau d'études supérieures, et qui avaient du régime de Salazar soit une expérience frontale de rébellion et d'engagement politique pour Gisela, soit une expérience moins directe pour Edila. Si Lica l'introduit à une dimension de la lutte contre le régime (et contre l'Empire colonial portugais), Edila est au fait de l'expérience de son père qui fut démis de sa fonction de professeur aux Açores pour avoir dénoncé la corruption de l'administration. Munies de leurs diplômes et de leur vécu du régime salazariste, Gisela et Edila partent pour l'Estado da India comme accompagnatrices de leur époux.

Nous suivrons leurs itinéraires de façon séparée jusqu'en 1954, date où chacune, pour des raisons différentes, est confrontée à des événements historiques cruciaux au sein de *l'Estado da India* et qui mettent en péril la poursuite de leur séjour. Nous aborderons ensuite les avatars de leurs engagements respectifs et divergents et nous concluons rapidement sur la spécificité des deux procédés d'écriture bien distincts à l'œuvre dans chacun des récits qui sont à la fois tournés vers le passé dans les relations entre mémoire-histoire-écriture et vers l'avenir dans la transformation d'une réalité historique en réalité symbolique toujours prégnante pour les générations portugaises ou goanaises actuelles.

## GISELA JANEIRO

### A LA RENCONTRE DES POPULATIONS DE L'ESTADO DA INDIA

Sur un fond de conditions matérielles difficiles (manque, insalubrité et cherté des logements), couplées à un salaire insuffisant et aux contraintes d'une vie sociale liée au poste et au rang de Chico dans l'armée, Gisela découvre très rapidement les modes de vie des différents groupes qui constituent la société goanaise. Elle est amenée à définir pour elle, et pour eux deux, une sorte de liste faite

d'amis, de connaissances désirables et d'autres intolérables. Le cercle d'amis qui deviendront indéfectibles tout au long des années est constitué au premier chef par le docteur Angelo Augusto, médecin de l'armée, dont ils font connaissance sur le *India*. Il est envoyé à Goa pour remplacer le docteur Baptista de Souza, tous deux très appréciés de la hiérarchie militaire et des goanais.<sup>7</sup> Dr Augusto leur fera connaître le docteur Morton Desai, xardo que Gisela recommandera spécialement à sa famille à Lisbonne afin de l'accueillir et de l'aider dans ses démarches d'installation dans la métropole.<sup>8</sup> Gisela aura pour pédiatre de ses filles le docteur Vaydia, goanais hindou, que Dr Augusto tient en haute considération et dont elle apprécie les médications traditionnelles faites de poudres mélangées au miel. Un peu plus tard, lors d'un accident de voiture qui nécessitera son hospitalisation, et recommandé toujours par Dr Augusto, Gisela fera la connaissance du docteur Gaitonde et de son épouse qui veilleront sur elle avec grande compassion. Les couples se retrouvent lors de vacances, à l'invitation du Dr Augusto dans sa maison de villégiature. Gisela apprécie le couple Gaitonde:

*«Este conosco abre-se, voltou praticamente empurrado daí pela PIDE e aqui está mais ou menos vigiado. E conosco e com o Dr Ângelo o seu unico relacionamento com os europeus que aqui estão...Pela nossa parte, é um meio de um relacionamento com goeses, e com este casal, por varias razões, sentimo-nos muito honrados, mais do que se tivéssemos recebido um convite dum « Sexa » qualquer». (op.cit., p55)*

Outre les médecins, portugais et goanais hindous, elle compte parmi leurs amis, la famille de l'ingénieur Viana missionné pour établir la liaison Marconi entre Goa et Lisbonne inaugurée en mars 1952. L'ingénieur, ancien professeur à l'Institut industriel de la métropole est connu pour « avoir parlé de trop », n'avoir pas ménagé ses opinions envers le gouvernement.

---

<sup>7</sup> Docteur Baptista de Souza, médecin militaire et chirurgien avait été missionné par le gouvernement pour accomplir son service en Inde Portugaise (1947-1950) après avoir servi trois ans plus tôt au Cap vert.

<sup>8</sup> Docteur Morton Desai a été formé à l'Ecole médicale de Goa qui demeure sous le contrôle étroit des brahmanes. En tant que xardo, appartenant à un statut inférieur à celui des brahmanes, il en a souffert. "ne craignez pas de l'inviter, dit Gisela à ses parents, il est d'une grande simplicité, il ne suit pas les préceptes alimentaires hindous"(op.cit., p50). Dans une lettre du 14 juin 1953, et dans la même veine, elle poursuit « ça me coûte beaucoup d'accepter cette séparation entre les castes principalement parmi les catholiques qui jusque dans les églises ne se mélangent pas » (op.cit., p56). Morton Desai deviendra biochimiste dans les Hôpitaux civils de Lisbonne et participera en 1956, en tant qu'hématologue, à la Mission Scientifique Ultramarine au Cap vert.

Dans le cercle professionnel de l'armée auquel appartient son mari en tant que responsable de la formation du commandement à Pangim, il y a peu de gens qu'elle peut apprécier ou souhaite fréquenter. Le chef de l'Etat major est une véritable bête et les sévices corporels assénés aux soldats africains stationnés à Goa sont intolérables pour le couple, bien que ces troupes fassent beaucoup de grabuge et boivent de trop lorsque leur relève tarde de quelques mois. Ceci a d'ailleurs obligé les Janeiro à remplacer leur *impedido*<sup>9</sup> mozambicain par un jeune musulman goanais antérieurement affecté au service du sergent Manuel Ferreira. « Une exception dans ce milieu » (op.cit., p48) que représente cet homme particulièrement cultivé et ouvert dit Gisela, au sein du milieu européen de la haute administration et de celui de l'armée, qui lui est clairement détestable. Quant au milieu goanais constitué de brahmanes catholiques ou même hindous, elle a peu de moyens pour l'apprécier. Au club Gaspar Dias, où se retrouve cette société nantie (européens et brahmanes), « *joga-se canasta, bridge, maha-jong e principalmente mà lingua* » (op.cit., p35). S'occuper de sa fille est l'alibi pour ne pas se rendre à ces rencontres, auxquelles son mari ne peut toujours se soustraire. Quant au reste du petit peuple goanais qu'elle rencontre dans la rue, dans les magasins ou au marché, la communication est fort restreinte car ces personnes parlent concani et nullement le portugais.

Vivre à Goa c'est aussi vivre les religions et s'approcher des rituels religieux de deux cultures prétendument liées dans une symbiose exemplaire, comme les ouvrages d'histoire le lui ont appris sur les bancs de l'école. Mais que vit-elle au juste ?

Côté hindou, l'échange cérémoniel est limité et révèle de la part de ceux qui les convient, un intérêt commercial évident. Invités pour la fête de Ganesh à assister à la cérémonie de l'échange du dieu dans la maison d'un de leur fournisseur, commerçant important de Pangim, ils recevront les douceurs habituelles distribuées à la fin de cette cérémonie.<sup>10</sup> Pour la fête de Diwali, ils sont reçus

---

<sup>9</sup> *Impedido* désigne un soldat au service des officiers et de leurs familles.

<sup>10</sup> Cette cérémonie se déroule en plusieurs étapes, soit en août soit en septembre. Durant la première étape, c'est le dieu Ganesh (son effigie en terre) qui est vénérée dans chaque foyer. Ensuite dans une sorte de cérémonie qui signale sa déconsécration, les familles, avec leurs effigies, rejoignent une procession à la fin de laquelle, elles sont jetées dans l'eau (mort symbolique et retour aux éléments auxquels le dieu appartient).

Bien entendu, la richesse de ces cérémonies est liée à l'ostentation des familles. Invité chez un antiquaire à Pangim, A.Henriques relate en 1958, un banquet digne des contes des mille et une nuits et souligne « *comi os meus primeiros pistachios, muito antes de serem comercializados em Lisboa e arredores* » A.Henriques, *Goa, ida e volta*, Lisboa, 2016,p187.

par un grand joailler. Bien que n'achetant pas de bijoux, il les a quand même honorés en les inondant de fleurs et de riz, symboles de prospérité.

Côté catholique, la commémoration des 400 ans de la mort de Saint François Xavier en décembre 1952 a été célébrée en grande pompe avec l'exposition de son corps à Velha-Goa et avec le déplacement du Cardinal Cerejeira de Lisbonne. Gisela relate comment dans un même lieu les croyants sont séparés selon leur hiérarchie et leur statut. D'un côté pour le Te-Deum, on rentre sur invitation et en habits de cérémonie, ce qui suscite son ire et son indignation « *é isto o cristianismo ? foi um santo que fez tantos milagres, ergue-se lá do teu túmulo e corre com estes fariseus hipócritas !* » (op.cit.,p49) et d'un autre côté, à la tombée de la nuit, c'est au tour du peuple goanais de se recueillir, hindous et catholiques, unis dans la même ferveur pour ce saint miraculeux. Patrimoine commun à tous les goanais!

*«Espectáculo digno de se ver por ser colorido. Saris lindos e elas sempre ornamentadas de flores no cabelo...Em frente da igreja de S.Francisco Xavier há um cruzeiro, está repleto de velas e lores qui os hindus lhe vão depor. E realmente o Apóstolo das Indias, amado por todos, em contraste com o «terrible» (Afonso de Albuquerque) que foi o terror destas paragens...»* (op.cit.,p49)<sup>11</sup>.

Ainsi, l'importance de l'amitié et des échanges que Gisela accorde à une élite éduquée constituée de fonctionnaires portugais civils ou affectés au sein de l'armée et de goanais hindous aux professions libérales, est caractéristique du réseau que les Janeiro se sont constitué au nom d'affinités morales (valeurs d'intégrité professionnelle et éthique) et au nom du partage d'une idéologie politique (distance par rapport au régime salazariste mais volonté de s'inscrire encore dans l'Empire portugais). Pour ce couple qui s'est exilé pour des raisons politiques, il y a des sujets qui reviennent *ad nauseam* dans les lettres relatives au désenchantement de leur première tranche de vie à Goa : les tares d'une

---

<sup>11</sup> Il est intéressant de comparer ce qu'Edila dit de cette cérémonie à laquelle elle s'y rend aussi: le saint est exposé vêtu dans toute la splendeur des précieux ornements d'un corps qui montrait des signes sérieux de dégradation, laissant apparaître un doigt de pied bruni, à l'ongle en bois en raison de l'usure au cours de tant de siècles de tant de baisers et de ferveur populaire certaine. Mais, souligne Edila, les hindous effectivement présents, ne le sont pas en tant que croyants mais en tant que commerçants! "*os hindus forneciam ao povo as bebidas, comidas variadas e até medalhas de santos e rosarios.*" (E.Gaitonde, op.cit., p77).

administration prédatrice et corrompue peu encline à ce que la métropole se mêle du déroulement de son *modus vivendi* à Goa et liée à des brahmanes catholiques assez obséquieux, accrochés à leurs «privilèges», peu enclins à l'ouverture envers les autres castes catholiques ; le côtoïement d'un milieu d'hommes et de leurs épouses pour lesquels l'amas des richesses est un objectif essentiel,<sup>12</sup> ainsi que le souci d'un paraître lié à toutes les circonstances «*E carnaval, mas isso a nós nada diz. Grande azáfama no meio social, alfaiates sequestrados em casa das damas, rivalidades de toiettes, é nisto que se ocupam*» (op.cit., p44). Gisela est consciente d'avancer dans un sentier étroit dont l'autre bord est celui des relations avec le peuple goanais, difficile à pénétrer (culturellement) qui ne parle que sa langue, le concani. «*esta terra é linda mas sentimo-nos estrangeiros nela embora a Constituição diga que é território português, tao pouca gente fala a nossa lingua ! as vezes torna-se tao dificil a comunicação com as pessoas* » (op.cit.,p35). Dans la double marginalité où elle se situe, il lui reste la prothèse des études interrompues en cours de route et auxquelles elle revient. L'inscription à l'Ecole Normale semble une bonne stratégie en ce moment, où désespérant de leur situation matérielle et du salaire si faible de Chico, le couple songe à partir pour l'Afrique. L'obtention de ce diplôme pourrait-il lui ouvrir les portes de l'enseignement ? Mais rapidement, Gisela désiste dans la poursuite d'études sans aucun intérêt pédagogique «*... nada me agrada, mesmo nada são os métodos de ensino mais que ultrapassados. Aqui mandam de decorar, tem de decorar, nada de iniciativas pessoais...desconfio que não me adapto, não tenho vocação para papagaio* » (op.cit., p30). Inscrite en thèse sur le poète Rabindranath Tagore, Gisela ne la poursuit pas en raison d'une présence que nécessite la naissance de leur deuxième fille.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> « *Não sei onde estas pessoas encontram o árvore das patacas em Goa, com a mesma patente do Chico. Mistério do Oriente* » (op.cit., p38).

<sup>13</sup> Gisela n'apprécie pas les manières de faire de la jeune fille qui s'occupe de son enfant. Tel l'épisode du bain à donner : voyant son enfant plongée dans la casserole pour faire cuire le riz et submergée par les cruches d'eau versée sur sa tête au risque de l'étouffer, Gisela décide de prendre en charge elle même le soin et l'éducation de ses filles.

## DANS LE SURSAUT DE L'EMPIRE, LA MÉTROPOLE ET SA COLONIE

Fervente lectrice de la presse locale et de celle qui lui parvient de la métropole, Gisela commente les présidentielles d'août 1951 «*uma farsa eleitoral que serviu para insultarem nomes respeitáveis da oposição* » (op.cit., p30). Le candidat de gauche, Rui Luis Gomes<sup>14</sup>, fut empêché de se présenter et les partisans plus modérés choisirent Quintão Meireles qui se désista rapidement. Craveiro Lopes (ex gouverneur de Damão et de l'Inde portugaise) est « nommé » Président de la République.

Le grand événement de cette année 1952 est le voyage du Ministre de l'Outre mer, Sarmiento Rodrigues, dans l'Empire asiatique portugais (Goa, Damao, Diu ; Macau; Timor)<sup>15</sup>. Visite de connaissance-reconnaissance des populations oubliées ou abandonnées à leur sort depuis plus d'un siècle et dont il serait donc nécessaire de faire un bilan de leurs situations spécifiques dans le contexte de l'après guerre et surtout depuis l'indépendance de l'Inde en 1947. Goa est particulièrement l'objet d'un conflit d'opinions et d'idéologies concernant sa «lusitanité», son autonomie, son intégration dans l'Inde indépendante ou son maintien dans l'Empire portugais.

La venue du Ministre de l'Outre mer au mois d'avril de cette année, oblige au grand nettoyage de Goa et son arrivée coupe court à l'enthousiasme des dames qui font coudre leurs parures pour les sept bals prévus qui seront finalement réduits à un seul auquel les capitaines et les hauts gradés sont conviés tandis que les moins gradés en ont été écartés « *isto visto de parte serve de distração numa terra onde não há distrações, que boa comédia de costumes para quem tenha talento para escrevê-la* » (op.cit., p46). Tout au long du convoi qui mène Sarmiento Rodrigues au Palais de Hidalcão<sup>16</sup>, des étudiants déguisés en uniforme de la *Mocidade Portuguesa* l'acclament « *coisa que não existe cá, à*

---

<sup>14</sup> Rui Luis Gomes (1905-1984), membre du MUD et fondateur du Mouvement Démocratique National (MND, *Movimento Nacional Democrático*), est candidat aux élections présidentielles de 1951. Sa candidature est rejetée en raison de ses liens avec le MND et avec le PCP.

<sup>15</sup> Cette tournée historique est très bien documentée soit dans les archives du MNE de Lisbonne soit dans les détails confidentiels du rapport officieux réalisé par le journaliste Barradas qui accompagnait le déplacement du Ministre Sarmiento Rodrigues dans les territoires de l'Empire asiatique portugais.

<sup>16</sup> Ancien palais de Adil Khan (Hidalcão pour les portugais), sultan de Bijapur lors de la conquête de Albuquerque en 1510. Au 18eme siècle le palais est devenu le siège du gouvernement de *l'Estado da India*.

*viva força têm que mostrar « as forças vivas » da Nação»* (op.cit., p46). Plus sérieusement, c'est l'incident avec l'avocat Bruno da Costa qui a marqué les esprits. « *Em audiência particular, este despejou ao ministro as verdades nuas e cruas mas podres, da nossa administração (nossa, do Governador). Este ao ter conhecimento do facto, administrativamente socou o Bruto da Costa de Margão* » (op.cit., p47).<sup>17</sup> Cette audience n'est pas tombée dans l'oreille d'un sourd. A son retour en métropole, Sarmiento Rodrigues intimera l'ordre à Quintinilha de revenir à Lisbonne avec son staff. En 1958, il sera nommé Ministre de la Marine ! En résonance avec ce qui se passe dans d'autres colonies, le débat sur l'intérêt de faire venir des troupes africaines à Goa est ouvert.<sup>18</sup> Le nouveau gouverneur, Benard Guedes, arrivera à Goa en décembre 1952. Si les salaires des fonctionnaires seront relevés de 10%, ceux de l'armée ne connaîtront pas d'amélioration. Mauvaise nouvelle pour Chico d'un côté, mais bonne et nouvelle perspective d'un autre ! Un projet d'ouverture d'écoles d'enseignement technique promis par S.Rodrigues se concrétise. Un concours est ouvert et c'est à la troisième session que le responsable du projet dépêché de Lisbonne promet à Chico la direction d'une de ces écoles à Damão, avec un meilleur salaire que celui touché à l'armée. Gisela y est aussi contractée comme enseignante. S'éloigner de l'armée pour laquelle Chico n'avait aucune vocation, avoir deux salaires qui permettraient plus d'aisance matérielle, enseigner comme ils l'avaient souhaité, et surtout quitter Goa pour Damão, province bien plus petite avec ses 23.000 habitants et où ce type d'enseignement est demandé et apprécié, tels sont les éléments susceptibles de dessiner un nouveau projet de vie. Une autre société les attend constituée de chrétiens qui se sont « libérés » du système de castes, à la différence de Goa où les castes supérieures brahmanes catholiques considèrent le travail manuel comme peu digne et n'accordent donc aucune importance à ce type d'écoles professionnelles et où les goanais hindous envoient leurs enfants dans les écoles de langue anglaise

---

<sup>17</sup> Le gouverneur Quintinilha a la triste réputation de cruauté pour les mauvais traitements et les sévices qu'il infligeait aux troupes africaines stationnées à Goa.

<sup>18</sup> Dans sa lettre de février 1953, Gisela évoque le massacre des troupes africaines stationnées à S.Tomé suite à la révolte de la main d'œuvre quasi esclavagiste que le gouverneur de l'île a contractée pour réaliser des ouvrages d'urbanisation et de construction d'édifices publics. Sarmiento Rodrigues ordonne son retour immédiat à la métropole ainsi que son staff proche. « *Mas estas coisas são ditas à boca fechada, ficamos sempre na dúvida* » (op.cit., p52). Soulignons que ce massacre passé longtemps sous silence, fait partie aujourd'hui de ce qui peut enfin être raconté et un ouvrage qui lui est consacré est publié : Inês Nascimento Rodrigues, *Espectros de Batepá*, ed. Tinta de China, 2018.

ou dans les écoles privées de langue marathe. Le concani, langue parlée par toute la population goanaise étant considérée comme une langue dégradée<sup>19</sup>.

Le couple Janeiro et leurs deux filles arrivent à Damao en octobre 1953.

### A DAMAO, DANS LA TOURMENTE DES ANNÉES 1954 ET 1955

A leur arrivée, le gouverneur Correia est absent, il se trouve à Lisbonne en congé de *licensa graciosa*<sup>20</sup> de laquelle il retournera en février 1954. Affectés à l'Ecole professionnelle respectivement comme directeur et enseignante, où ils se sentent utiles, Chico et Gisela voient leur vie transformée, soulignant leur relation à une population damaense ouverte, chaleureuse et affable. Là, les religions (hindous, catholiques, musulmans) vivent en bonne entente. Durant les congés scolaires, ils font des excursions dans les deux enclaves portugaises (Dadrà et Nagar Aveli) situées en plein territoire indien et rendent visite aux quelques familles portugaises qui y vivent. Ce moment d'euphorie dure peu car ils ne sont pas sans avoir connaissance, en cette année 1953, des propositions de certaines associations de goanais de Bombay et des partis d'opposition au Congrès indien, qui oeuvrent à la formation d'un gouvernement goanais en exil. Ils savent que le MNE à Lisbonne songe à envoyer des renforts militaires lesquels n'arriveront, par le *Bartolomeu Diaz* que le 28 juillet 1954, après l'attaque des deux enclaves.<sup>21</sup> Ils sont au fait du grave incident provoqué par le Chef de la Police de Goa, le capitaine Romba missionné pour investiguer sur la situation à Damao à la demande du Gouverneur Guedes et qui, de son propre chef, a tendu un piège aux nationalistes goanais.<sup>22</sup> Se faisant passer pour

---

<sup>19</sup> Pour les écoles primaires publiques, la question de l'enseignement en langue portugaise, marathe, anglaise, concani est une question récurrente pour laquelle aucun consensus n'a jamais été possible. En commentant les discussions ouvertes par le dernier Gouverneur de Goa, Vassalo e Silva pour la revalorisation du concani, langue maternelle de tous les goanais, en tant que langue écrite, M. Lurdes nous donne une synthèse succincte et dense des avatars de cette question. Elle nous trace la dénégation de cette langue qui fut pourtant une langue écrite avant la conquête portugaise, les analyses et les directives de grand intérêt de Cunha Rivara lors de son séjour à la fin des années 1860, et la polémique qui ressurgit dans les années 1920. Il faudra attendre 1987, au moment où Goa aura acquis le statut d'Etat de l'Union Indienne, pour que le concani soit reconnu comme sa langue officielle (op.cit., p175-177).

<sup>20</sup> *Licensa graciosa* désigne les six mois de congés payés attribués tous les quatre ans aux fonctionnaires de l'administration coloniale portugaise.

<sup>21</sup> La vigilance dans les deux enclaves n'a pas pu être renforcée en raison de la mousson.

<sup>22</sup> Romba a un réseau d'agents secrets à Bombay qui l'informent sur les intentions des nationalistes goanais du *United Front of Goans* (FUG, *Frente Unida dos Goeses*) fondé par Francisco Mascarenhas, industriel goanais catholique et par

un représentant du gouvernement portugais, il invite F.Mascarenhas et des membres du FUG à le rencontrer pour signer une sorte de gouvernement pour un Etat autonome de « Goa pour les goanais ». Aussitôt leurs signatures apposées, Romba les fait prisonniers. Ils sont relâchés par Guedes qui intime l'ordre à Romba de retourner immédiatement à Goa. Par son comportement irresponsable, Romba offre de bonnes raisons à l'opposition pour une attaque imminente. Le nombre de soldats indiens massés aux frontières de Nagar Aveli croît. Au Portugal qui demande des explications, l'Union Indienne allègue le fait que Romba et l'intérim du gouverneur de Damao ont traversé les territoires indiens sans visas.

Sur place, Gisela informe ses parents de la montée quotidienne des tensions aux frontières de Damão et des deux enclaves. L'année 1954 s'avère celle où l'engagement social et politique de ce couple se fonde dans les faits historiques dont ils sont témoins, tant et si bien que Chico, obligé d'abandonner la direction de l'Ecole technique en juin 1954<sup>23</sup>, s'engage comme aide de camp auprès du gouverneur Correia, l'accompagnant dans ses tournées des frontières. Les lettres de Gisela écrites entre avril 1954 et avril 1955 sont d'une richesse étonnante décrivant minutieusement toute une société qui retient son souffle en attendant une attaque<sup>24</sup>, les relations d'amitié des Janeiro avec la famille du Gouverneur<sup>25</sup>, les articles de l'opposition portugaise au Portugal et qui fuient dans la

---

Desai, goanais hindou, sortis du *Goa National Congress* (CNG, *Congresso Nacional de Goa*) en 1950. Ils défendent l'autonomie de Goa et proposent la constitution d'un gouvernement en exil à Bombay. En août 1953, les différents partis goanais résidant à Bombay n'arrivent à aucun accord quant à l'attaque de Nagar Aveli qu'ils remettent pour octobre, après la mousson (attaque qui n'aura pas lieu). Face à cette situation, P. Mascarenhas projette une attaque proche de Nagar Aveli, et la création d'un gouvernement séparatiste à Silvassà. Espérant que ces mesures soient reconnues par Delhi, il avancerait alors vers Damão puis vers Goa.

<sup>23</sup> Très ironiquement, Gisela écrit "*O Chico vai deixar a direcção da Escola. O decreto que as criou estipula que o lugar de director deve ser ocupado pelo professor com o curso da Escola Superior de Belas Artes. Ora vem para cá um escultor, portanto, a ele cabe a direcção da Escola*"(op.cit.,p103).

<sup>24</sup> "*Regista-se uma concentraçao de tropas ao longo da fronteira de Damao ... estes preparativos levam a pressupor um ataque a Nagar Aveli para breve. A população aqui està calma, mesmo aquela que tem familiares em Nagar Aveli*" (lettre du 7 juillet 1954, p103).

<sup>25</sup> "*Provavelmente vamos para o Palácio, como medida de segurança, pois à noite, tanto eu como a mulher do Governador ficamos sozinhas enquanto os maridos vão para as rondas na fronteira. Sozinhas e angustiadas* » (lettre du 10 juillet 1954, p105) « *Mostrou-se (o governador) apreensivo quanto a nosso futuro e principalmente à nossa presença (a mulher do Governador, o filho, eu e as nossas crianças). Mas que podemos fazer senão dar exemplo de calma e serenidade* » (lettre du 20 juillet 1954, p105).

presse<sup>26</sup>, la description des relations entre Damão et les deux enclaves<sup>27</sup>, l'attaque proprement dite<sup>28</sup>, l'assassinat, la prison et la reddition des portugais en poste, les conséquences sur les populations de la ville de Damão<sup>29</sup>, l'arrivée perlée à Damão des portugais vivant dans les enclaves, et enfin l'indifférence de l'administration de Goa. Jusqu'à la fin de cette année 1954, ni le Gouverneur de Goa ni le Commandant militaire ne daigneront se déplacer.<sup>30</sup> En mettant ses parents au courant de leur quotidien, Gisela déconstruit la propagande salazariste dans laquelle vit ses parents. Elle les calme « *recebemos o vosso telegrama pedindo a miha ida e das crianças . Como se isso fosse possível, a nado ? além disso, uma retirada nossa neste momento ia criar o pânico numa população de gente humilde mas corajosa que se tem sabido portar com dignidade.* » (lettre du 23 juillet 1954, p 107).

Parallèlement à l'invasion des deux enclaves et à l'arrivée progressive à Damão des portugais qui les habitaient, deux *satyagrahas* ont lieu à Goa en août 1954 (fête de l'indépendance de l'Inde) et en février 1955, qui ne sont pas sans conséquences politiques aux niveaux local (Goa et Damão),

---

<sup>26</sup> Il s'agit de deux articles: l'un de Cunha Real, opposant au régime, défenseur de la thèse de l'indépendance de l'Inde portugaise, retirant ainsi à Nehru la possibilité d'une invasion, l'autre de Rui Luis Gomes qui publie en août 1954 un communiqué qui échappe à la Censure et qui prône l'auto-détermination de la colonie.

<sup>27</sup> Conscient de l'imminence d'une attaque, le Gouverneur Correia se déplace à Dadra et à Silvassá où il rencontre le chef de la police Aniceto do Rosario ainsi que le *patel*. A son retour dans la nuit du 21 au 22 juillet à Damão, les trois territoires (Damão et les deux enclaves) sont totalement isolés et encerclés. L'assaut sera donné cette nuit même par F.Mascarenhas de la FUG.

<sup>28</sup> « *Pronto, deu-se o ataque a Dadrá. O chefe da polícia Aniceto do Rosario... recusou a rendição e tanto ele como o guarda Fernandes foram friamente assassinados. E este o pacifismo tao apregoado de Nehru ?* » (lettre du 22 juillet 1954, p106).

<sup>29</sup> La population damaense souffre : les menuisiers et les pêcheurs ne peuvent acheminer le bois des enclaves vers Damão pour leurs travaux, les cordonniers ne peuvent importer les peaux en provenance de l'Union Indienne, de nombreux enfants errent dans les rues affamés (mouvement de solidarité qui s'organise entre toutes les strates de la population et la Croix Rouge distribue les vivres aux nécessiteux), le coût des aliments est prohibitif (les fruits arrivent de Karachi), la situation médicale est préoccupante (quid de l'hôpital de Damão qui n'a même pas un appareil de radiographie et qui dirige les malades à Bombay) . Pour clore la liste des difficultés, le vote à l'unanimité au Conseil des Ministres pour la fermeture des Ecoles Techniques. « *Aqui, a proposta foi recebida com desagrado, pois a maioria da população cristã não tem possibilidades económicas para mandar os filhos para Goa, para o liceu, o recurso é mandá-los para Bombaim. E assim que o nosso Governo quer manter portugueses nestas terras ?* » (lettre du 7 octobre 1954, p126).

<sup>30</sup> En Janvier 1955, le Commandant militaire de Goa se rend en visite à Damão avec sa femme et leurs deux filles « *duas respeitáveis cretinas alheias e desinteressadas dos dramas que aqui se vivem. Vieram apenas passear* » (op.cit., p133). Gisela n'aura pas des mots plus tendres pour la visite du Gouverneur Benard Guedes en octobre 1955 ! « *Sexa Governador–Geral e sua comitiva finalmente dignou-se a visitar Damão. Lá temos a Sessão Solene e o Te- Deum da praxe...O Governador–Geral deixou muito boa impressão... O mesmo não se pode dizer da mulher. O seu comportamento foi muito infeliz. Só vinha interessada em fazer compras... Ocupou o seu tempo na escolha das sedas e dos brocados, não lhe chegou para receber e ouvir as queixas das mulheres de Nagar Aveli que tudo perderam* ». (op.cit., p147).

national (l'Union Indienne) et impérial (Portugal)<sup>31</sup>. Ce chassé croisé des évènements et leurs interprétations divergentes (Portugal et Inde) déboucheront sur une internationalisation du conflit dont Gisela et Chico sont encore loin de mesurer la portée historique et symbolique du nouvel engagement dont ils seront les acteurs privilégiés à partir de 1956.

Une documentation poussée et une analyse fine sont désormais disponibles. Elles font l'objet de chapitres de grand intérêt tant chez S. Bègue que chez A. Valentim, historiens évoqués au début de notre article et qui ont pris à bras le corps les différentes archives concernant ces évènements.

Gisela qui lit la presse indienne et celle de Goa concernant les *satyagrahas*, dénonce la disparité des chiffres. En fait, il s'agit de quelques milliers de volontaires pour la première, entre 50 et 90 pour la seconde, aucune *satyagraha* n'étant rentrée à Damao. Elle exprime ses doutes sur l'avenir de Goa : une autonomie par rapport à l'Empire ou par rapport à l'Union Indienne ; n'est ce pas là une « utopie » pourtant partagée par bien des goanais ?<sup>32</sup> L'état de siège est déclaré le 7 août dans les territoires de *l'Estado da India*, les forces armées sont sur un pied de guerre et l'archevêque de Goa dramatise la situation en organisant le 13 août, une procession sur la tombe de Saint François Xavier. Mais précédant la marche « pacifiste » des volontaires, les deux discours de Salazar (10 août 1954) et de Nehru (15 août 1954), bien différents par leur ton, marquent les esprits et les interprétations. Pour Salazar « le devoir est le devoir, même dans le cas où son accomplissement signifie un sacrifice inutile à l'échelle courante des valeurs » (traduction S.Bègue, op.cit., p589). Son discours a été suivi par des mesures pratiques, tel l'envoi de 20 agents de la PIDE à Goa pour aider la Police et l'Armée, mais surtout pour surveiller la fidélité des troupes à son appel au sacrifice, lui qui se méfie de la PEI, *Policia do Estado da India*, et des militaires stationnés dans sa colonie. Pour Nehru, c'est la réaffirmation d'une marche pacifiste qui doit rester celle des goanais. De son côté, il met en place des

---

<sup>31</sup> Les *satyagrahas* sont les marches pacifiques de volontaires, inspirées de celles de Gandhi, et qui défendent en l'occurrence, la rétrocession de l'Estado da India à l'Union Indienne. Voir la note 33 et voir plus loin, dans le corps du texte, la libre interprétation du terme *satyagraha* donnée par E.Gaitonde.

<sup>32</sup> «*Damão esteve realmente rodeado de grupos de satyagrahas prontos para entrarem mas à última da hora foram mandados retirar por Nehru todos os que não fossem originários de Goa, resultado não ficou nenhum... o que o goês cristão pretende é ficar desligado de Portugal mas não integrado na União Indiana, ter a sua propria autonomia. Creio ser uma utopia, o futuro dirá...Está cá a mulher do comandante da Policia... ela é goesa, filha do escritor Loyola Furtado, de Margão, gente desafecta não aos portugueses, mas ao regime português, querendo Goa nem portuguesa nem indiana, uma Goa goesa. Não vejo como.* » (lettre du 16 août 1954, p120).

mesures pratiques de filtrage des *satyagrahas* aux frontières, la police devant retenir pilleurs et bandits. Il s'agit surtout d'éviter des martyrs et de ne donner aucune occasion de riposte aux nationalistes indiens de son opposition. Nehru n'est pas disposé à intervenir militairement, car ceci le discréditerait vis à vis d'une opinion internationale bien remontée par le Portugal après l'invasion de Dadra et Nagar Aveli.

Pour Gisela, les propos de Nehru sont incohérents car en affirmant une libération de Goa par les goanais, « *como justifica que Dadra e Nagar Aveli estejam a ser administrados por elementos estranhos a Goa ? Há aqui uma contradição muito grande* » (op.cit., p125)<sup>33</sup> ; ceux de Salazar lui permettent de revenir sur l'idée du sacrifice supposé non accompli dans la reddition des gardes « abandonnés » dans les deux enclaves « *Os guardas que vieram de Nagar Aveli não conseguiram fazer sair os seus familiares...o nosso governo nada está a fazer para tentar a saída daqueles para cá. Será uma especie de castigo por se serem rendido ?* » (op.cit.p123).<sup>34</sup>

Au lendemain de ces *satyagrahas*, objets d'un battage médiatique de part et d'autre, et de la difficulté réelle à entraîner le peuple goanais de l'intérieur, Salazar en tire un bonus extraordinaire, se considère et considère son pays comme une victime politique. A l'intérieur du Portugal, il peut, jusqu'à une certaine limite, exciter son peuple contre l'Inde, car « la patrie est en danger » ; pour l'extérieur, il décide de lancer à l'échelle internationale la question de la rétrocession des deux enclaves et de porter l'affaire au Tribunal de la Haye. En attendant de s'y trouver impliqués, les Janeiro vivent, comme tous les habitants de Damão, dans une grande insécurité matérielle et politique. En mars 1955, Gisela décide d'amener leurs trois filles à Lisbonne et de les confier à ses parents. Durant le voyage de retour, elle est rattrapée par le diable dans la personne du Colonel Rémy,

---

<sup>33</sup> Sandrine Bègue qui se penche à juste titre sur la question des *satyagrahas*, dénonce une vision caricaturale qui constitue la représentation stéréotypée des occidentaux : les *satyagrahis* ne devraient pas s'armer, sinon de quel pacifisme s'agit-il ? Les marches de protestations finissent par être lues comme une duplicité de la stratégie de Nehru qui prêche la non-violence et laisse sur le terrain les mouvements armés entrer à Dadra et Nagar Aveli par exemple. Pour S.Bègue, il est clair que l'assaut des enclaves a été une initiative régionale et que Nehru demeure partisan du non usage de la violence dans la résolution du conflit goanais. Mais en même temps, ne peut-il s'empêcher de penser que l'assaut des enclaves pourrait susciter un élan populaire à Goa contre le colonialisme portugais ?

<sup>34</sup> Bien que connaissant la disproportion entre les forces armées portugaises présentes sur le terrain et celles de l'armée indienne, Salazar réitère l'idée de sacrifice, à la veille de l'invasion de Goa en 1961 et ne pardonne aucune reddition.

catholique, ancien de la Résistance française, envoyé par le gouvernement portugais comme observateur de la situation des deux enclaves *in loco* afin de mobiliser les alliés sur cette invasion. En réalité, les autorités indiennes ne l'ont pas autorisé à s'y rendre. A bord du *India* qui les ramène à Lisbonne, il tente un entretien avec Gisela :

*«O coronel Remy vai fazer uma reportagem ou escrever um livro sobre a presença portuguesa na India, propôs entrevistar-me vindo novamente com a conversa de coragem mostrada por não ter saído de Damão quando os ataques a Dadra e Nagar Aveli. Eu a fazer propaganda oficial ? Não me estou a ver em tal papel... disse-lhe delicadamente que não »* (op.cit., p136).

## EDILA GAITONDE

### PLONGÉE DANS UNE FAMILLE BRAHMANE TRADITIONNELLE ET PREMIÈRES RÉALISATIONS PERSONNELLES

Dés son arrivée en novembre 1948, Edila s'efforce d'assimiler les rites et les coutumes de la famille de son mari. Cela commence par le changement de son nom (Shakuntala) et le port de signes extérieurs (sari, chignon bas) jusqu'aux rituels hindous auxquels elle participe (vénération des ancêtres, nombreuses fêtes religieuses qui scandent l'année et dont elle donne moult détails, visite des temples) en passant par un quotidien d'épouse au foyer avec le temps que ces tâches domestiques exigent et le temps à passer avec d'autres femmes partageant cette condition. Très vite, elle se sent prise dans le double filet du regard et de la désapprobation des deux communautés. Côté hindou, après son passage au temple, des brahmanes procèdent à des rituels de purification des lieux qu'elle a « souillés ». Même après sa première visite à la maison de ses beaux-parents, des brahmanes se chargeront de ces rituels ou se détourneront de leur fréquentation. Quelle humiliation pour son beau père, brahmane, homme plus ouvert mais qui à son tour, trace des limites qu'elle ne peut outrepasser. Ainsi, il la gourmandera suite à l'épisode du bal de l'Ecole de médecine où elle a emmené les deux petites sœurs de Lica, respectivement de 14 et de 15 ans, qui vivent avec eux. Edila les trouve

« retardées de tout point de vue » (op.cit., p47) comparées aux jeunes filles de la famille qu'elle a connues lors de son court séjour à Bombay avant de pénétrer dans l'Inde portugaise. Elle reconnaît à ces dernières une éducation moderne à l'anglaise mâtinée d'un profond conservatisme. Ses très jeunes belles sœurs, sont toutes deux sollicitées pour les danses de ce bal. Le père de Lica, averti de l'épisode qu'il juge indécent et outrageant pour sa famille et pour l'avenir de ses filles qui risquent de ne pas pouvoir se marier, accourt le lendemain à Margão où les Gaitonde se sont installés, afin d'exprimer « très sévèrement » sa désapprobation. Par ailleurs, et du côté portugais, Edila est consciente que s'habiller à l'indienne est un acte politique.<sup>35</sup> Lors du retour de Lica à Pangim, un dîner d'honneur a été offert à l'Union Académique. Visiblement, tous les convives sont incommodés par leurs tenues indiennes, s'attendant qu'après tant d'années passées au Portugal, Lica serait vêtu à l'européenne. A peine le discours d'honneur est-il prononcé que des membres de la Police pénètrent dans la salle et exigent la sortie de tous les convives, injonction à laquelle tous ont obéi. Outre le vêtement qui les identifie comme goanais hindous, pourtant membres de l'élite goanaise (Lica est médecin-chirurgien), le couple se sait surveillé et ce, dès l'arrivée. A la différence des lettres de Gisela qui ne parlent d'aucune surveillance (les portugais blancs ne présentent aucun danger même avec leurs opinions peu conformes !), les mémoires de Edila sont truffés d'épisodes où une lourde surveillance de la Police, de la PEI et de la PIDE pèse sur les activités de Lica et sur celles du couple, par ricochet. Comme Gisela, Edila nous fait part du monde d'amis qui gravitent autour d'eux. D'abord à Margão, c'est la femme d'un médecin portugais (docteur Loiola, ami se trouvant encore en prison à Péniche) qui les héberge jusqu'à ce qu'ils trouvent un logement, ainsi que la famille Costa, goanais catholiques dont la fille sera une amie intime à Edila. La famille Mehta fait aussi partie de ce cercle intime. Monsieur est consul général de l'Union Indienne à Goa, sa femme est la nièce de Nehru que Edila apprécie hautement. Femme émancipée et étrangère parmi les femmes hindoues de Goa. Mais ce quotidien fait de visites et de rituels, alors que Lica est à la recherche d'une insertion professionnelle qui tarde à venir, commence à l'exaspérer. Pour Edila qui a rêvé d'être un pont, une médiation entre deux mondes

---

<sup>35</sup> Acte politiquement incorrect ou même jugé indécent pour la morale catholique. En 1950, lors de la visite du patriarche des Indes, D. José da Costa Nunes, elle sera confrontée à l'offense morale que produit le port de son sari ! Elle se souvenait de lui quand, toute jeune, à l'île de Pico (Açores) elle jouait au piano, lui à la flûte et son père tournait les pages. De ce souvenir elle éprouva une forte nostalgie. Le rendez vous fut pris et la rencontre fut plutôt formelle et sans suite. « *Se a razão foi política ou religiosa, nao cheguei a saber, mas o meu pai disse-me mais tarde que o patriarca tinha ficado muito ofendido comigo por ter ido visitá-los de sari e com a cintura descoberta !* » (op.cit., p61).

et deux cultures, le bilan est terne, voire douloureux « *Nunca mais ouvira o som de um piano desde que deixara Europa. De ma vida limitada de dona de casa hindu, tinha caído numa outra, ainda mais limitada, de estrangeira carente, imiscuída numa sociedade de hindus ortodoxos, cristãos intolerantes e europeus indiferentes* » (op.cit. p51).

Tandis que le couple songe sérieusement revenir à Lisbonne, l'offre d'un poste de chirurgien à l'*Hospital dos Milagres* à Mapuça, hôpital privé dont Lica serait chargé de la réorganisation complète, tombe à point. Ils font la connaissance des Garcia et des Miranda, familles goanaises qui deviennent très proches et qui vont fortement encourager Edila à se réaliser comme musicienne : se procurer un piano qui arrivera de Pangim, recruter des élèves, amis aux Miranda et aux Costa. Parallèlement, Edila décide d'ouvrir une crèche pour les enfants qui traînent dans les rues, qui ont à peine plus de cinq ans, leur petit frère ou petite sœur dans les bras quémendant de la nourriture. Pour ce projet, elle est aidée par le lieutenant Ferreira Pinto, arrivé du Mozambique et qui vit dans le cartel militaire situé non loin de leur maison. Il lui assure des sacs de farine et du lait en poudre pour les enfants. Elle doit rapidement faire face à une réalité dont elle ne mesurait l'importance : le monde des castes ! « *ninguém queria lidar com « gente daquela », com intocáveis. Nem consegui uma pessoa para ajudar as crianças mais velhas nos primeiros passos de leitura. ...As minhas cunhadas, ajudavam-me depois das aulas* » (op.cit., p55). Sa volonté imperturbable l'aide à faire perdurer son projet qui ne s'arrêtera qu'avec un incident de taille qui fera démissionner Lica de son poste et qui précipitera leur départ pour le Portugal en mars 1951. Tandis qu'il est en pleine consultation de patients, deux membres de l'administration font irruption dans son bureau et observent la pièce avec un air de provocation évident. Lica leur demande de sortir. Ils refusent et répondent avec arrogance « *qualquer membro da administração tinha tanto direito a estar no consultório como o médico ou paciente, ou não ? Era obvio que queria humilhá-lo e mostrar-lhe quem mandava no hospital* » (op.cit., p62). La réponse de Lica fut immédiate « *bem, pode ficar, se quiserem, mas eu saio. Demito-me a partir deste momento* » (op.cit., p62).

De mars à août de cette année, à Lisbonne, Lica travaille à l'hôpital de Dona Estefânia. Ils retrouvent les amis de Péniche enfin libres, et à leur grand étonnement, constatent qu'ils ont fait école : Hedge s'est marié à une portugaise et Pritti s'est fiancé également à une jeune fille portugaise !

## À MAPUÇA, VIE COMMUNE ET PROJETS SÉPARÉS: UN ENGAGEMENT POLITIQUE DE PLUS EN PLUS PRÉGNANT

Tandis que Lica est le chirurgien de la clinique privée du docteur O. Ribeiro, Edila forme des élèves et leur fait passer les examens officiels de la *Royal School of Music* de Londres. Elle reçoit la visite du Dr Torcato, ami de Salazar, qui lui offre le poste de responsable de l'enseignement de musique à la nouvelle Académie de Musique qui sera inaugurée à Goa<sup>36</sup>. Edila décline l'offre d'un travail dans une institution gouvernementale. Elle n'est pas dupe des nouvelles mesures qui tentent un rapprochement culturel et politique. « *Se exceptuarmos uma pequena elite satélite que se reunia à volta do governador-geral e que estava sempre presente as quintas-feiras nos chás do Palacio do Cabo, havia outro mundo de gente totalmente alienada e afastada dessa vida irreal* » (op.cit., p79).

Des mesures militaires commencent aussi à se concrétiser. Des militaires et leurs familles arrivent. Ainsi:

*«Foram-lhes dadas as melhores acomodações, como de esperar, formou-se logo um grupo de portuguesas que passaram a fazer uma vida quase à parte...Na verdade, as nossas maneiras de viver tinham-se tornado muito diferentes. Como esposa de um hindu, deixara de pertencer ao seu círculo social. Estava em Goa como goesa. Elas estavam como portuguesas e ,em gera, mais interessadas em assuntos demasiado mundanos. ...As mulheres dos militares faziam uma limpeza geral no território em artigos de valor. De vez em quando davam uma volta pelos templos, não em devota peregrinação, mas à procura de peças de antiquário, como candelabros de cristal, porcelana da Companhia das Indias et outros artigos de valor, que desapareciam rapidamente.»* (op.cit., p. 96).

La maison des Gaitonde est un espace vivant et ouvert fréquenté par des portugais et des goanais. Edila a soin de souligner que si les premiers n'étaient pas opposés à la politique du

---

<sup>36</sup> Dans la foulée des conséquences de la tournée de Sarmiento Rodrigues à Goa, on peut noter le projet d'ouverture d'écoles techniques à Goa et à Damão, l'invitation d'étudiants et de fonctionnaires à passer quelque temps à Lisbonne pour diverses raisons, et la présence de deux députés goanais à l'Assemblée nationale. Des mesures militaires sont aussi au programme. Edila comme Gisela en rendent compte.

gouvernement, ils étaient au moins neutres. Mais les difficultés de communication et d'intérêts entre les femmes hindoues et catholiques demeurent « *Uma reunião de carácter social era, em geral, de natureza segregacionista. Naqueles dias longiquos, digam o que disserem, o Oriente e o Ocidente, definitivamente, não se misturavam. As duas culturas viviam em paz e harmonia, mas em vidas paralelas* » (op.cit., p75). De nouveaux amis s'agrègent au couple, tels les Gonçalves Pereira et les Semedo arrivés d'Afrique et affectés à Goa en qualité de juges. Un ancien détenu et ami de Peniche, Pritti et son épouse portugaise Fernanda les rejoignent à Goa cette année.

*«Era contentissima por poder renovar o nosso contacto come ele se, através deles, com o meu mundo. Havia outros amigos europeus no território, mas nenhum ligado a uma família hindu como nós. Fui a primeira mulher portuguesa a casar com um hindu, a viver na Índia e a seguir a cultura do marido. Agora Fernanda iria fazer o mesmo.»* (op.cit., p86-87).

L'année 1952 s'ouvre sur un engagement clair de Lica comme *freedom fighter*. Un de ses frères est en relation étroite avec Peter Alvarez du CNG, *Goa National Congress*, à Bombay. Les Gaitonde ont des relations politiques et amicales avec Vincent Coelho, nouveau consul général de l'Union Indienne à Goa, catholique, dont les aïeux furent convertis par les missionnaires à Mangalore (sud de Goa) d'où sa famille est native comme celle de sa femme, Mary. Parlant le concani, Nehru a choisi V.Coelho à ce poste dans l'objectif d'établir un dialogue avec les goanais tant hindous que catholiques. Le gouvernement et la presse de Goa les considèrent pourtant comme leurs pires ennemis. Ce qui n'empêche pas les civilités de coutume lors des fêtes de fin d'année dans les hauts lieux où tous groupes de diverses obédiences politiques se rencontrent. Si le Club Vasco de Gama est considéré de droite, l'hôtel Mandovi est plus neutre :

*«Era uma das raras ocasiões em que pessoas de ideologias opostas se encontravam em sociedade. Havia dois grupos distintos : o que representava o governo português, com o governador-geral e o sue séquito, e o outro, representando a Índia, com o consul-geral e os seus amigos. Os goeses, de uma maneira geral, não querendo queimar as asas, flutuavam de grupo para grupo, embora tendendo mais para o grupo do governador, que era quem mais força tinha e de quem mais dependiam.»* (op.cit., p. 83).

Le couple se sait constamment surveillé : le commandant de la Police de Mapuça, le lieutenant Estudante leur rend souvent visite avec le capitaine Romba (déjà évoqué) sous prétexte d'emprunter des ouvrages de leur bibliothèque. Malgré leurs divergences politiques, la maison des Gaitonde est ouverte à tous «*Lica sempre gostou dos portugueses como povo, com o mesmo sentimento que tinha pelos seus conterrâneos, e queria ver ambos os povos em perfeita igualdade e sem se ferirem mutuamente*» (op.cit., p. 74). En 1953, Lica reçoit la visite clandestine de P.Alvarez dont l'objectif est de créer un mouvement de libération à l'intérieur de Goa. Comment mobiliser les villages et quel type d'incident provoquer afin de mobiliser plus largement la population goanaise en vue d'un mouvement de libération ? Par ailleurs, il demande expressément à Lica s'il serait prêt à sacrifier sa carrière et ses biens personnels pour une telle cause. Edila précise que déjà une partie des revenus de Lica est consacrée aux *freedom fighters*. Le lendemain de cette visite, ils reçoivent celle du commandant de la police de Mapuça, le lieutenant Estudante, furieux de ne trouver aucune trace de P.Alvarez! Edila rapporte avec humour : «*Esperava-se que Peter como cristão, se apresentasse vestido à maneira europeia e o humilde hindu de topi preto tinha passado totalmente despercebido* » (op.cit., p94). Mais à Goa, dans le contexte de cette mobilisation clandestine, il y a peu d'actes notoires : un drapeau indien hissé la nuit et qui n'engage en fait aucun affrontement avec les forces de l'ordre mais «*para lembrar que o povo continuava descontente com a situação.*» (op. cit., p. 96). Cependant, des mouvements de résistance, dissidents du CNG, optent pour la violence, tel le Azad Gomantak Dal qui jouera un rôle important dans l'invasion de Dadra et Nagar Aveli en 1954. Ses militants s'attaquent à des maisons abandonnées et braquent une banque pour la récolte de fonds utiles à leur organisation «*e aconteceram alguns crimes imperdoáveis que a censura impedia de serem divulgados para não alarmar o público*» (op.cit., p. 96).<sup>37</sup>

Il est opportun d'inclure une incise relative aux différents groupes constituant les *freedom fighters* : Le CNG (*Goa National Congress*) originellement représenté au Congrès indien et dont P.

---

<sup>37</sup> S'agit-il d'actions qui ont effectivement eu lieu avant 1953? Peut-on se fier aux Mémoires de Edila Gaitonde? Était-elle au courant de faits peu connus du public jusqu'en 1954? Peu de dates émaillent son récit des années 1952, 1953 jusqu'en février 1954. Reste que les archives consultées par l'historienne S. Bègue, ses commentaires détaillés sur la formation et les objectifs des différents groupes issus du CNG (*Goa National Congress*) tout comme les commentaires de Maria Lurdes Janeiro qui contextualise les lettres envoyées par sa mère (voir *Cartas de Damão* (op.cit., p102), parlent du *Azad Goa Dal* (Groupe des Goanais Libres) comme fondé en 1954 et qui opte pour l'action violente, prenant part à l'attaque de Nagar Aveli et responsable d'autres attaques à Goa.

Alvarez a été le président jusqu'en 1957, le FUG (*United Front of Goans*) fondé par F.Mascarenhas et Desai sortis du CNG en 1950, le GPP (*Goan's People Party*) fondé par d'autres dissidents du CNG et lié au parti Communiste Indien. Ces partis, tous situés à Bombay ne partagent pas les mêmes objectifs : le FUG ne cherchait pas l'intégration à l'Union Indienne, les membres du CNG sont pour l'intégration, le *Azad Goa Dal* comme le GPP auquel il se lie, optent pour l'intégration et pour la lutte armée. Pour les partis convaincus que la lutte concernait prioritairement l'engagement des goanais et non pas les goanais et les indiens, la question cruciale résidait dans la mobilisation des goanais de l'intérieur de Goa et ceux vivant à l'extérieur, dans l'Union Indienne (plutôt favorables à l'intégration dans l'Union Indienne) dans les provinces portugaises de l'Outre mer (plutôt favorables au maintien de Goa dans l'Empire portugais) et encore ceux partagés entre les territoires sous l'administration britannique et belge, en Afrique orientale et centre orientale, et aussi dans les pays du Golf. Pour l'ensemble de ces derniers cas, la motivation est d'ordre économique plus que politique. A l'intérieur de Goa, la population montre une certaine indifférence, préoccupée par son quotidien et sous l'influence de l'opinion des brahmanes. Les classes moyennes qui jouissent des avantages économiques de la zone franche du port de Mormugão, cherchent une certaine autonomie sous l'étendard du Portugal surtout après 1954, date de l'invasion de Dadra et Nagar Aveli et du blocus économique imposé par l'Inde à Goa, la coupant, tout comme Damão, de l'arrière pays. La raison d'être des militants pour la libération de Goa rencontre d'une part la difficulté de coordonner des actions communes. Leurs conflits sont liés à leurs options divergentes quant à l'intégration et à l'autonomie de Goa dans l'Union Indienne ou de son maintien dans l'Empire portugais. D'autre part, leur difficulté à mobiliser les goanais de l'intérieur de la colonie nous fait penser à d'autres groupes souvent en exil, liés aux indépendances nationales, formés d'élites éduquées ou entrepreneuriales et qui ont du mal à se lier « avec le peuple » de l'intérieur. La visite de P. Alvarez illustre pleinement ce moment d'une direction coupée de sa substance et qui cherche une solution et un incident catalyseur. La suite de l'histoire, comme nous le verrons, précipitera Lica à cette place très particulière.

## FÉVRIER 1954: LE DÎNER FATAL ET HISTORIQUE CHEZ LES SEMEDO

Les Semedo sont de bons amis et le temps de la mission du juge étant terminé à Goa, ils offrent un dîner de départ. Faisant partie du milieu officiel portugais, ils avaient proposé un compromis pour qu'à ce dîner il n'y eût pas de discours politique. Edila qui se désiste à la dernière minute sera remplacée par un avocat goanais, Santa Maria Colaço, qui ne faisait pas partie de la première liste des invités.

Colaço, grand admirateur de Salazar, prend la parole à la fin du repas et clôt son discours avec cette phrase pompeuse adressée à ses hôtes «*Um dia virá a lembrar-se de Goa, esta terra portuguesa. Sim, porque aqui talbém é Portugal* ». C'est alors que fuse la réponse claire et froide de Lica «*PROTESTO!*» (op.cit., p100-101).

Sur le chemin du retour, il raccompagne un juge goanais qui lui demande quelle mouche l'a piqué pour avoir exprimé à haute voix une telle opinion «*Nós também protestamos, sabe, mas protestamos para dentro e não para fora*» (op.cit., p101). Revenu à la maison, il confie à Edila «*realmente não sei o que dizer! para ser franco, posso até ser preso a qualquer momento*».

Le lendemain, des signes viennent confirmer son malaise : un télégramme du palais pour annuler la consultation prévue avec la fille du gouverneur dont il est le médecin et la disparition de son jeune frère dont il est sans nouvelles ! Il contacte son ami le consul Vincent Coelho à Pangim qui met en action ses réseaux. En vain. Dans la nuit, le consul et sa femme se rendent chez les Gaitonde pour les informer de l'arrestation imminente de Lica qui aura lieu le lendemain matin «*Tivemos esta confirmação do palácio por um delator. Não há dúvida nenhuma a este respeito*» (op.cit., p102).

Lica, nous dit Edila, prend la nouvelle de son arrestation avec beaucoup de joie. Une opportunité inespérée:

«*A prisão de Lica iria criar o desejado momentum e a luta pela libertação poderia agora começar abertamente...tinha voltado par Goa com a esperança de fazer qualquer coisa que pudesse mudar a situação. Não iria agora voltar as costas a esta oportunidade. Aceitaria o desafio até o fim*» (op.cit., p103).

Effectivement, le lendemain, le 17 février 1954, devant leur maison, la jeep de la police locale arrive et le lieutenant Estudante est porteur du mandat d'arrêt. Lica était radieux *«tinha dado o primeiro passo para o que ele esperava que fosse a última luta pela libertação de Goa»* (op.cit., p106). Si le jeu du chat et de la souris a pris fin pour son mari, qu'en est-il d'elle? *«Tinha caído numa terra de ninguém, num limbo político. Nem leste nem oeste. Nem portuguesa nem indiana. Nem hindu nem cristã. Sem Lica estava perdida»* (op.cit., p106).

A la prison de Pangim où Lica est détenu, elle a une entrevue avec le fameux capitaine Romba, commandant de police qui essaye de l'intimider de diverses manières: Lica est un traître et elle en est responsable car elle n'a pas fait son devoir (de portugaise) pour le faire changer d'opinion et n'a pas su le contrôler (devoir de femme) pour lui dire ce qu'il est convenable de dire et de taire. C'est ensuite qu'il lui demande expressément de lui donner les noms des autres «traîtres» et de dire tout ce qu'elle sait sur P. Alvarez. Une altercation s'en suit et Romba menace de la mettre en prison. Puis il conclut soudainement avec le sadisme qui le caractérise *«O S.S. India sai de regresso a Portugal daqui a dois dias. O melhor que tem de fazer é seguir nele»* (op.cit., p108).

Deux jours plus tard, sur le quai de Mormugão, tandis que des amis fidèles l'accompagnent pour son départ, Edila apprend que Lica a déjà embarqué dans ce même paquebot et qu'il se trouve dans une cabine de troisième classe.<sup>38</sup> Avant de quitter le port, l'aide de camp du Gouverneur de Goa lui rend visite et lui remet de la part de ce dernier une boîte pour cigares en ivoire.<sup>39</sup> Le capitaine Romba est aussi venu pour lui dire au revoir. *«Foi sempre uma estranha relação que ele manteve entre si e as autoridades portuguesas. Era quase uma relação de amor e ódio. Respeitavam-no pela sua integridade, mas também o perseguiam pelos seus ideais»* (op.cit., p110).

---

<sup>38</sup> Pour le capitaine, dès que le paquebot aura quitté le port et sera donc loin de la juridiction de la police, Lica pourra être transféré dans une cabine de première classe. Mais à chaque port où ils accosteront, il devra regagner sa cabine de troisième classe et rester sous la vigilance d'un garde.

<sup>39</sup> Edila procède à une reconstitution de ces journées fatidiques dans les chapitres 21 et 22. Entre les faits comme elle les a vécus et le temps de l'écriture de ses mémoires, elle a appris qu'après le fameux dîner, il y eut une réunion de concertation des Hautes Autorités: le Gouverneur s'est montré très réservé pour une action radicale mais la PIDE a eu le dernier mot quant à l'arrestation et à l'envoi en prison de Lica. Etrangement, souligne Edila, les Autorités n'ont pas suspecté un délateur en leur sein.

Le récit du dîner, de l'arrestation, de l'embarquement de Lica ainsi que celui de l'entrevue de Edila avec Romba dont nous n'avons repris que les grandes lignes, nous offre un panorama des relations complexes, à la fois poreuses et étanches, qui sévissent au sein de la société goanaise. Ces récits enchaînés signent une sorte de *fatum* où l'histoire d'un engagement militant personnel rencontre un des grands moments de l'histoire collective. Probablement au moment des faits, ce qui apparaît le plus clairement c'est la possibilité que la place encore «vide» de catalyseur d'une mobilisation à venir pour la population goanaise de l'intérieur, puisse être celle-là même que l'opportunité de cet incident permet à Lica de saisir et qu'il vit avec tant de joie. Il pourrait devenir celui qu'on attend, la réponse à la question que lui posait P. Alvarez lors de sa visite. Face à ce trop-plein d'histoire qu'il porte et qui le porte, Edila se sent vide d'histoire, de toute histoire (ni chrétienne, ni hindoue, ni portugaise ni indienne, ni orient ni occident...et pourtant tout cela !). Sans Lica, que devient son identité dans et pour la société goanaise? Après la plongée dans le monde d'une famille brahmane et de laquelle elle s'était sauvée en s'accrochant à la musique et en se construisant une identité professionnelle à partir de ce sur quoi elle ne céderait pas, Edila est confrontée en 1954 à la question de son identité sociale et politique. Elle s'était pensée comme interface, comme médiatrice entre deux mondes mais aucun de ces deux mondes qui vivent de façon juxtaposée, n'a envie de pénétrer l'autre. Ses tentatives de les faire se rencontrer échouent et la question sociale (rapports de classes et relations de caste) et culturelle de la spécificité de la société goanaise (une histoire ni vraiment indienne ni vraiment portugaise) est constamment surdéterminée par la question politique (autonomie, intégration dans l'Union Indienne ou dans l'Empire portugais). Lica est un exemple vivant de cette tension, lui, hindou goanais, appréciant les portugais (qui font partie de son cursus d'études et de son cercle d'amis) et convaincu de s'engager comme chirurgien au service de son peuple et comme *freedom fighter* au service de l'intégration de Goa dans l'Union Indienne (tel est le sens de son retour à Goa en 1948). D'où cette ambivalence, amour/ haine qui caractérise ses relations avec les autorités portugaises mais aussi sa méfiance vis à vis de tous ceux qui vivent hors de cette tension et qui se contentent de leur entre soi, qu'ils soient portugais ou goanais, se définissant par une assignation à leurs statuts. Edila et Lica vivent et se déplacent sur des frontières. Ce qui fait leur richesse d'ouverture, les condamne en ce temps de fin d'empire colonial.

Les chapitres, 21, 22 et même 23 inscrits à l'intérieur des mémoires de Edila partagent l'ouvrage en un avant et un après. On peut les lire comme le moment de la grande bascule. Après le temps de la prison qui dure à peine un mois à Aljube (Lisbonne) et à la suite du jugement du Tribunal<sup>40</sup> en juin 1954 qui déchoit Lica de ses droits civiques, le retour en Inde en juin 1955, inaugurera un nouveau départ politique. Entretemps, du côté de l'Union Indienne, Nehru invoque ce qui est politiquement correct (dans les affaires de cette nature où les portugais envisagent une action à l'encontre de leurs citoyens, il n'est pas de notre habitude de nous prononcer), et les événements politiques prennent un tour irréversiblement historique. Le 21 juillet 1954 Dadra et Nagar Aveli sont envahis, isolés et sans défense, et en mars 1955 a lieu à Goa la marche des *satyagrahis* nommée « la marche des Gaitondes » commémorant l'arrestation qui a eu lieu un an auparavant. C'est l'occasion pour Edila d'éclaircir cette notion de *satyagraha* dont, dit-elle, les autorités portugaises ont du mal à comprendre le sens. Il s'agit de « forcer sa propre prison » (op.cit., p119). Sans tomber dans un quelconque mysticisme, elle renvoie à la tension que ressent Lica comme d'autres goanais, épris de liberté pour une Goa indienne mais se faisant violence à eux mêmes, dans ce qui constitue leur spécificité de goanais et leur rapport intime au Portugal.

## GISELA ET EDILA: DES HISTOIRES QUI RENCONTRENT LA GRANDE HISTOIRE

Gisela retourne à Damão à la mi-juin 1955. A partir de 1956, et avec Chico qui se retrouve à Goa, ils se sont engagés pour la constitution du dossier de la défense du Portugal auprès du Tribunal de la Haye contre l'invasion de Dadra et Nagar Aveli. Cela les implique fortement dans l'histoire de l'Empire portugais. Edila retourne également vers la mi-juin 1955 dans l'Union Indienne (Bombay puis Delhi). Sa propre insertion professionnelle croise de très près l'engagement militant et officiel

---

<sup>40</sup> Le Parti Communiste Portugais propose une fuite clandestine que Lica refuse. Il veut un jugement. L'audience dure deux jours. Il est son propre avocat. C'est un procès sans public car la PIDE a occupé tous les sièges. La sentence attendue est lourde: perte de tous les droits civiques y compris ceux d'exercer la médecine et une mise en liberté surveillée durant cinq ans. A Lisbonne, le couple retrouve d'anciens prisonniers de Péniche (Hedge et Kakodkar) qui travaillent car ils doivent payer leur retour en Inde “*visto que o governo indiano não tinha contribuido até então, para o seu regresso*” (p118).

de Lica pour la libération de Goa et sa rétrocession à l'Union Indienne. Les chemins de ces femmes divergent et leur retour respectif se révèle à la fois comme la concrétisation de leurs convictions telles que vécues jusqu'en 1954 et la recherche de nouvelles voies pour leurs projets professionnels. Comment ces deux dimensions s'alimentent-elles mutuellement ? C'est ce que nous verrons dans ce qui suit.

### GISELA: ENSEIGNANTE ET HISTORIENNE

### LA TRANSCENDANCE D'UNE HISTOIRE PERSONNELLE: TOUS LES AILLEURS QUI NOUS CONSTITUENT

Cet ouvrage est issu à la fois de la volonté de Gisela pour que ses lettres/diaires soient connues de ses enfants et petits-enfants ainsi que de la volonté de sa fille Maria de Lurdes (M. Lurdes) afin qu'elles soient à la portée d'un large public de lecteurs. On a pu avoir l'impression que hors des guillemets encadrant les lettres, M. Lurdes a fait le rude exercice de les contextualiser et plus encore d'écrire la suite de la vie de toute la famille à Goa jusque l'été 1961. Ce qui n'est pas faux mais qui ne rend pas compte de l'intention de la publication. Lors d'un entretien avec M. Lurdes à Lisbonne en avril 2018, nous nous sommes d'abord arrêté sur l'intitulé de l'ouvrage *Cartas de Damão*, pour le moins intrigant dans la mesure où le vécu à Damão a duré moins de trois ans (d'octobre 1953 à juin 1956) sur un séjour de près de dix ans dans l'Estado da India. « Damão fut une parenthèse heureuse, dit-elle, apaisée malgré la grande tourmente de l'invasion de Dadra et Nagar Aveli et les conséquences sur la vie quotidienne de mes parents ». D'ailleurs, le jour de son départ pour Goa dont elle appréhende le retour, Gisela enverra une lettre à sa mère, une sorte d'ode à cette ville et à ses habitants quelque soit leurs classes et leurs religions. « *Razao têm os damaenses ao cantar o seu triste mandó « Barra de Damão... alegre na entrada, triste na saída ». Terra com feitiço* » (op.cit. lettre du 14 juin 1956, p159). « Et puis, n'y a-t-il pas tout intérêt à faire connaître Damão où si peu de portugais habitaient, nous dit M. Lurdes : deux familles en 1954, celle du gouverneur et les Janeiro alors qu'on en dénombrerait quatre cents un siècle plus tôt! ».

Pour M. Lurdes, la publication des lettres de sa mère dans cette écriture à quatre mains, est un hommage pour le travail « commandité » que sa mère mais aussi son père ont accompli. Après le départ de toute la famille de Goa en juin 1961, des caisses de documents ont pu être acheminées à Lisbonne par les soins d'amis. Pour son travail de mise en forme, nous dit M. Lurdes, « je n'ai pas eu besoin de consulter les archives à l'extérieur, tout était à la maison jusqu'à ce que nous les remettions au MNE et aux AHU (*Archivos Históricos Ultramarinos*) ». Il s'agit de la concrétisation pour des intellectuels d'un engagement au sein de l'Empire dans lequel le couple Janeiro semblait croire encore, bien que conscient de tous les éléments qui le faisaient vaciller, et gardant l'espoir qu'un jour le régime salazariste soit renversé. Si l'autonomie de Goa leur semble une pure utopie, aucune lettre ne parle explicitement de son intégration dans l'Union Indienne.

Enfin, pour M. Lurdes, rendre publiques ces lettres, c'est leur donner une dimension qui transcende le roman familial et qui parle à tous les Portugais ayant vécu dans les colonies durant les années du régime salazariste. La famille Janeiro connaîtra un autre destin pour encore un peu plus de dix ans au Mozambique et ce, jusqu'à l'indépendance en 1974/75. Pour Gisela comme pour M. Lurdes, le travail de re-collection de tous ces ailleurs, et de sa transmission aux générations futures, fait partie de la structuration de leurs personnalités et rend compte de la richesse des apports de leurs différents vécus dans les colonies. Cette richesse est celle même que porte une grande partie du peuple portugais aujourd'hui. Ce travail qui n'est pas un récit de mémoires, garde toute la fraîcheur d'un journal de terrain et en cela il constitue un document quasi unique.

## EDILA

### ENTHOUSIASME PROFESSIONNEL ET LIMITES D'UNE CAUSE À DÉFENDRE

A la mi-juin 1955, Lica et Edila retournent en Inde, à Bombay car Lica est interdit d'entrée dans le territoire portugais. Vincent Coelho, leur ami, est représentant du gouvernement central à Bombay et leur est d'une grande aide pour trouver un logement. Le couple s'installe au cœur de cette capitale où vit un tiers de la population goanaise, et au plus proche des activités de résistance des *freedom fighters*. La joie de Edila est visible à travers son nouveau quotidien déjà loin de sa première

expérience dans la famille brahmane de son mari vis à vis de laquelle elle semble distante. Entre les retrouvailles avec un cercle restreint d'amies chrétiennes « *que tinham uma maneira de viver semelhante à que eu estava habituada desde tenra idade* » (op.cit., p127) et la publicité dont jouissent les Gaitonde auprès de tous les militants qui lui ouvre les portes de la Société de Musique Occidentale, elle dispense avec grand enthousiasme des leçons de piano. « *Esquecia-me do mundo fora de portas e concentrava-me no meu trabalho* » (op.cit., p127). Lica, absorbé dans ses activités politiques est peu présent.

Au bout de quelques mois, un nouveau transfert pour Delhi les attend, intimé par Nehru qui souhaite que Lica soit en contact étroit avec le Ministère des affaires étrangères et avec lui même. Lica est nommé chirurgien consultant honoraire au Irwin Hospital, et s'engage auprès du Premier Ministre dont la politique officielle vis à vis de la libération de Goa demeure dans une impasse diplomatique.<sup>41</sup>

Dans cette capitale administrative, concentré de diplomates et de politiciens, Edila est rattrapée par une société de femmes étrangères, épouses de diplomates, se réunissant tous les samedis dans certains cafés ou dans la maison de l'une d'elle pour parler de mode, d'enfants et de belles mères ! Rien ne la lie à ce monde, autre version de celui qu'elle avait connu et exécuté à Goa.

Edila poursuit sa profession à l'école irlandaise Santa Teresa comme professeur de musique et au *All India Radio* où elle est contractée comme pianiste régulière. Elle est également pianiste dans des concerts publics, en tournée officielle au Rajasthan, intègre la nouvelle Société Musicale « Orient-Occident », travaille avec des musicologues indiens de grande renommée, s'intéresse à l'analyse et à la théorie de la musique indienne, et s'inscrit même à l'Académie de Musique où elle y apprend le chant.

En février 1961, le *Blitz* publie un article probablement signé par un de ses collègues et dont le contenu la vise directement. Il y est dit que Salazar contrôle de loin sa section de *All India Radio*

---

<sup>41</sup> Edila souligne la suspension officielle des activités politiques entre 1956 et 1960. « *Foi um periodo de frustração, em que ninguém parecia saber como resolver o problema. Mesmo algumas sanções económicas impostas pela Índia pareciam não ser úteis e foram canceladas. Os goeses estavam quase à beira do desespero, pensando que não só teriam de lutar contra um governo, mas contra dois, o governo português e o indiano* ». (op.cit., p139).

par le truchement d'une personne en poste. Choquée par cette accusation et surtout blessée dans la confiance qu'elle mettait dans ses collègues du *Blitz* qui sont prêts à toutes les médisances pour atteindre des places de pouvoir, Edila prend conscience qu'elle est et serait toujours une cible politique. Un autre incident s'est produit peu de temps auparavant lorsque les directeurs de la transmission du programme qu'elle anime au *All India Radio* (musique suivie d'un commentaire politique) l'obligent à lire un commentaire (dont nous ne connaissons pas la teneur) totalement en désaccord avec les directives politiques du gouvernement indien.

*«A sádica determinação de me forçarem a transmitir estes comentários, quando todos os outros locutores já tinham recusado, era mais uma provocação. Então disse: NÃO. A minha decisão era final. Não transmitiria o comentário. Já chegava ! No dia seguinte entreguei a minha carta de demissão»* (op.cit., p148).

Suite à sa démission, Edila écrit une lettre à Nehru l'informant de ce qui s'est passé et de sa décision de quitter l'Union Indienne. Nous ne pouvons-nous empêcher de mettre en résonance cet événement de février 1961 concernant Edila avec celui du dîner chez les Semedo de février 1954, concernant Lica. A sept ans d'intervalle, ils se font écho. L'intérêt de la comparaison n'est pas au niveau des acteurs qui les condamnent (les autorités portugaises pour Lica) ni de celle qui s'auto condamne (Edila face à la médisance des collègues indiens), encore moins dans la forme brutale que prend le NON incisif et irréversible dans les deux cas, mais dans ce que ce couple mixte mobilise de suspicion inversée. D'une part, Lica dans sa conviction politique d'une Goa autonome au sein de l'Union Indienne et dans sa très grande proximité affective et professionnelle avec le monde portugais et d'autre part, Edila dans les traits de sa personnalité d'artiste portugaise et sa sympathie/ empathie avec la libération de Goa, forment un couple dont les différentes facettes identitaires, construites au fil des années, constituent des défis en ce temps particulièrement surdéterminé politiquement et où le regard extérieur préfère s'arrêter à des caractéristiques figées et des postures assignées, ne s'encombrant pas des tensions vécues au niveau personnel.

Durant les années 1960-1961, Lica s'investit pour la cause qu'il défend. Désespéré de l'inertie du gouvernement indien, et soucieux d'informer le monde de la lutte des goanais, il tente de la joindre à celle de militants portugais en exil (ceux de Londres avec João Cabral), il écrit personnellement à

Humberto Delgado exilé au Brésil et il effectue un cycle de conférences internationales (Washington, Londres, Scandinavie, Russie (URSS), Casablanca). De retour, il présente un rapport à Nehru et propose qu'une conférence internationale ait lieu à Delhi en octobre 1961. Nehru hésite toujours et demande que ce soit un « séminaire » et non une conférence (un intitulé plus intellectuel et moins politique !). Néanmoins, y participent les représentants des nations libérées et ceux en lutte pour leur libération y compris ceux de l'Afrique portugaise : Adelino Gwambe, Marcelino dos Santos, Ferreira Viana, Jonas Savimbi... Pour Nehru qui prononce le discours final : si l'indépendance de Goa ne peut être obtenue de manière pacifique, alors il faudrait penser à d'autres moyens. En fait, le vent de Bandung a soufflé depuis 1955 et la pression de ces pays dits « non alignés » ou en lutte pour leur indépendance, est forte sur le gouvernement de Delhi qui cherche désormais une issue concrète à la rétrocession de Goa dont Lica a été le porte parole à l'échelle internationale.

## LIMITES DES ACTEURS D'UNE LIBÉRATION ET RETOUR SUR SOI

Entre le 7 et le 16 décembre, alors que Edila vit son exil à Londres, Lica l'avertit des événements qui se précipitent à Goa. Noël 1961 : un télégramme lui parvient « *Goa está livre. Beijos. Lica* ». Elle part précipitamment pour Bombay et de là en voiture jusqu'à Mapuça où se trouve Lica mais où personne ne l'attend. Au milieu d'une foule compacte et en délire, elle a du mal à se frayer un chemin « *senti-me afogada por aquele imenso mar de gente. Não conheci ninguém e ninguém me reconheceu* » (op.cit., p156). La Libération est enfin au bout de treize années de luttes à compter de leur réception nuptiale à la prison de Péniche !

En 1962, Lica quitte à son tour Goa envahie par l'armée et par le pouvoir militaire indien au lendemain de sa libération. L'humanisme qui a embrasé la générosité de leur militance, directement engagée ou sympathisante pour une cause, s'arrête au lendemain d'une prise de pouvoir de laquelle ils se sont exclus volontairement car ne cautionnant pas les compromis politiques ou éthiques qui les attendent.

C'est alors que s'initie réellement le temps de leur exil à Londres où ils s'établissent. Lica se dédie à la recherche médicale et Edila au piano. En 1987, tous deux publient leurs mémoires à Londres : Dr. Pundlik Gaitonde, *The Liberation of Goa : a Participant's view of History* qui sera réédité plus tard à Pangim (Goa) en 2016 et Edila Gaitonde, *In search of Tomorrow*, qui sera traduit en portugais et publié en 2011.

Deux convictions inextricablement mêlées sous-tendent les deux ouvrages que nous avons présentés. Celle relative à l'engagement politique et idéologique respectif de ces deux femmes et celle de leur désir de ne jamais céder sur leur vie professionnelle (enseignante dans les écoles techniques pour l'une et pianiste pour l'autre). C'est moins dans les termes de carrière réussie (même s'il y eut réussite) qu'elles en parlent mais comme réalisation de ce qui les animait intérieurement et donnait sens à leur existence. La concrétisation de cette double conviction s'est déroulée dans un cadre de précarité matérielle quotidienne dans la vie de deux couples et dans le contexte tumultueux et très spécifique de la dernière décennie de l'Estado da India, surdéterminé par les controverses concernant sa « lusitanité » et les calculs stratégiques nationaux et internationaux de Salazar et de Nehru.

Certes, les procédés de l'écriture divergent. Les *Cartas de Damão* ont la fraîcheur d'un journal de bord, et Gisela ne commente pas ses états d'âme. Elle les donne à voir tout simplement. Edila nous lègue un récit organisé de ses mémoires. Il ne s'agit pas de faire le procès de son authenticité mais de reconnaître que dans une réflexion seconde, une part d'interprétation et de retour sur soi se sont immiscés entre le moment du déroulement des faits et le temps de l'écriture, comme pour tout récit biographique d'ailleurs.

Ne pas avoir cédé à l'interprétation de leurs textes (lettres ou récits) et ne pas avoir cherché à confronter leurs dires avec les archives consultées a été notre parti pris pour laisser la place aux voix inédites de ces deux femmes, citoyennes portugaises *lambda*, à propos d'un passé qui n'a pas cessé d'interroger les générations portugaises et goanaises qui leur ont succédé.

\*

## OUVRAGES PRÉSENTÉS

Mais Working Papers CEsA/CSG disponíveis em  
<https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/10105>

- Gaitonde Edila, 2011, *As maçãs azuis*, Portugal e Goa, edit. Tagide, 158p.
- Janeiro Maria Gisela, 2017, *Cartas de Damão, uma visão do quotidiano na Índia Portuguesa nos anos finais de 1951-1961*. (organização, comentários, notas por Maria de Lurdes Janeiro). Fundação Rui Cunha, 191p.

## BIBLIOGRAPHIE CITÉE ET BIBLIOGRAPHIE GÉNÉRALE CONSULTÉE

- Alexandre Valentim, 2017, *Contra o vento (Portugal, o Império e a maré anticolonial, 1945-1960)*, Circulo Leitores.
- Bègue Sandrine, 2007, *La fin de Goa et de l'Estado da India: decolonisation et guerre froide dans le sous continent indien (1945-1962)*, Lisbonne, MNE.
- Barradas de Oliveira, 1954, *Roteiro do Oriente. A viagem do Ministro do Ultramar, Comandante Sarmiento Rodrigues às provincias portuguesas da India, Timor e Macau no ano de 1952*. Agência geral do Ultramar, Lisboa.
- Cardina Miguel e Sena Martins Bruno (orgs.), 2018, *As voltas do passado*, ed. Tinta da China.
- Gaitonde Edila, 1987, *In search of Tomorrow*, Allied Publishers Private Ltd, 171p.
- Gaitonde Pundalik, 1987, *The Liberation of Goa*, Hurst and C°, London, 192p.
- Henriques Artur, 2016, *Goa ida e volta*, Memórias, Lisboa.
- Morais Carlos Alexandre de, 1999, *A queda da India portuguesa: Crónica da invasão e do cativo*, Ed Estampa. Lisboa.
- Nascimento Rodrigues Inês, 2018, *Espectros de Batepá*, ed. Tinta de China.
- Ochoa Raquel, 2010, *A casa – comboio*, Gradiva, Lisboa.
- Oliveira Almeida A. Cristina de, 2013, *Nós hà de morrer. Musica, memória e imaginação em Damão*, Tese inédita, Universidade de Arreiro.
- Ribeiro Orlando, 1999, *Goa em 1956: relatorio ao Governo*, Lisboa, CNCDP.
- Soeiro de Brito Raquel, 1998, *Goa e as Praças do Norte revisitadas*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos portugueses.
- Archives du Ministère des Affaires Etrangères, Lisbonne. (MNE).